

Compre

-6. MAI 2010

N.º 14

LISBOA, 27 DE NOVEMBRO DE 1924

ANO I

Director  
Oliveira Tavares

Editor  
Joaquim Araujo

Propriedade da Empresa  
de Publicidade Colonial, L.ª

# GAZETA DAS COLONIAS

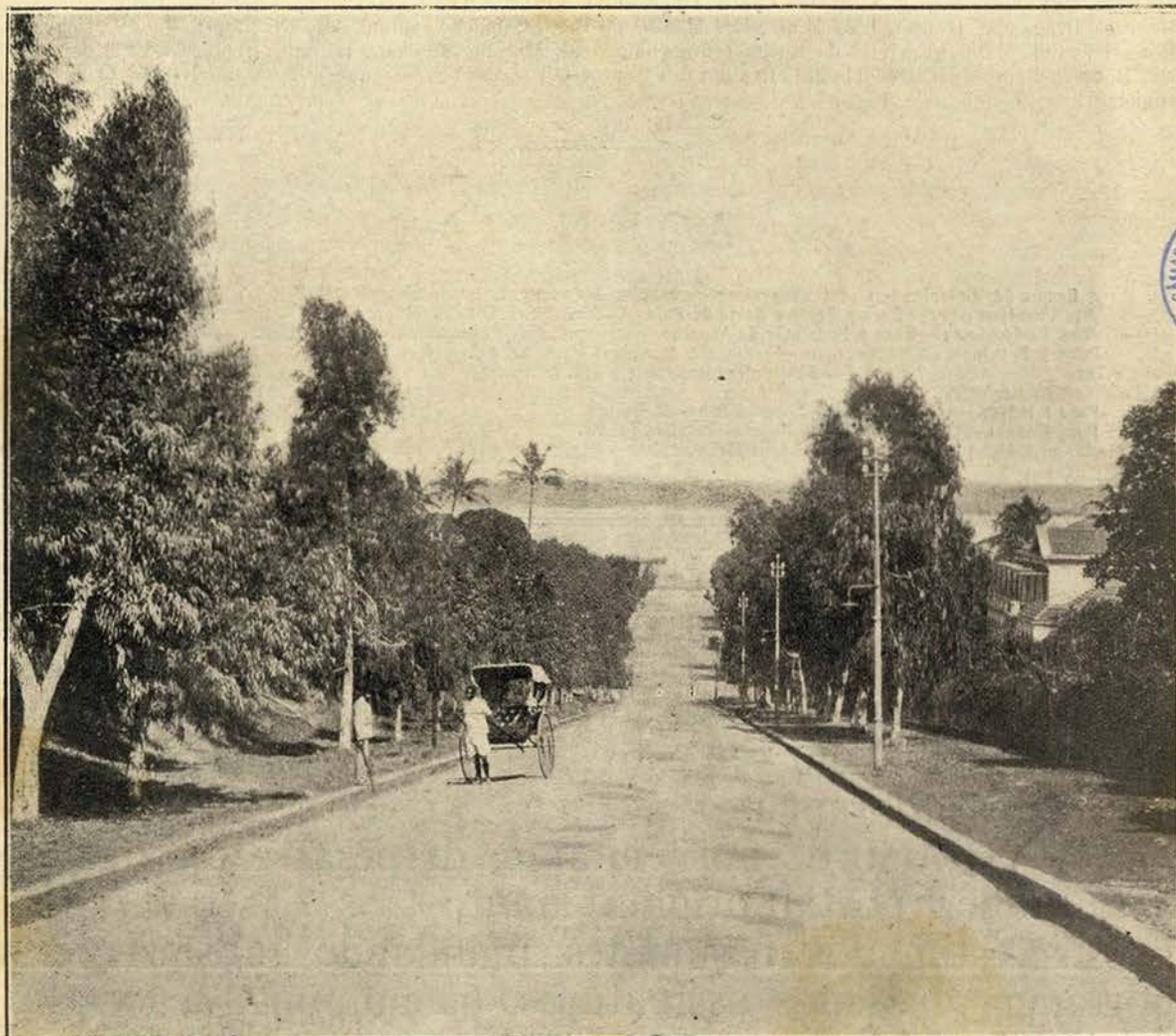
Composto e Impresso  
Rua do Seculo, 150

Publica-se ás 5.ªs feiras

Redação e Administração  
R. Diário de Noticias, 44, 1.º

SEMANARIO DE PROPAGANDA E DEFEZA DAS COLONIAS

## ASPECTOS COLONIAIS



MOÇAMBIQUE—Uma rua da cidade de Lourenço Marques

# COLABORADORES

Albano A. Portugal Durão (antigo ministro), Maj. A. Cifka Duarte (Ex.<sup>mo</sup> Director da Aeronautica Militar), Dr. Alexandre de Vasconcellos e Sá (antigo ministro), Engenheiro Alfredo Augusto Freire de Andrade (antigo gov. colonial), Dr. Alvaro Xavier de Castro (antigo gov. colonial), Dr. Antonio Gonçalves Videira (Beira-Moçambique), Antonio José Pires Avelanoso, Alm. Antonio J. A. F. Pinto Basto, Major Antonio Leite de Magalhães (antigo gov. de distrito), Antonio Pinto Teixeira (antigo gov. de distrito), Maj. Antonio Ribeiro de Carvalho (antigo ministro), Eng. Antonio Vicente Ferreira (antigo ministro), Dr. Armando Cortesão, Dr. Armindo Monteiro, Artur Tamagnini de S. Barbosa (antigo gov. colonial), Aires de Ornelas e Vasconcelos (antigo ministro), Cap. Carlos T. A. dos Santos, Dr. Carlos Amaro, Cap. ten. Carlos Pereira (antigo governador colonial) Eng. Carlos Roma Machado, Carlos Oscar da Silva, Eng. Carlos de Sá Carneiro, Al. Carlos Viegas Gago Coutinho, Dr. Constantino José dos Santos (senador), Dr. Egidio Inso, Alm. Ernesto Julio de Carvalho e Vasconcelos, Dr. Fernando Emídio da Silva, Dr. Francisco Anacleto da Silva (Senador por Macau), Maj. Francisco C. Aragão, Eng. Francisco da Cunha Rego Chaves (antigo ministro), Maj. Francisco Pedro Curado, Eng. Francisco Pinto da Cunha Leal (antigo ministro), Heitor Eugenio de Magalhães Passos (inspector escolar) Ten. Cor. do E. Major Henrique Pires Monteiro, Cap. Ten. Henrique Monteiro Corrêa da Silva (antigo governador colonial), Dr. João Camoesas (antigo ministro), Cap. João Guilherme de Menezes Ferreira, Cap. João Luiz de Moura, Ten. Cor. João Maria Ferreira do Amaral, Dr. João dos Santos Monteiro, Eng. João Tamagnini de S. Barbosa (antigo ministro), Gen. José Augusto Alves Roçadas (antigo governador colonial), Maj. José A. de Melo Vieira, Dr. José Benevides, Dr. José Caeiro da Mata, Cap. Ten. José E. Carvalho Crato, Dr. José O. Ferreira Diniz, Maj. José Tristão de Bettencourt, Luiz de Menezes Bragança, (India), Luiz Moitá, Dr. Manuel de Brito Camacho (antigo Alto Comissario em Moçambique), Dr. Manuel Fratel, Manuel Ferreira da Rocha (antigo ministro); Mariano Machado (antigo Director da C. F. de Benguela), Dr. Roberto Bruto da Costa (India), Paulino dos Santos Gil (Lourenço Marques), Tomé de Barros Queiroz (antigo ministro).

## AGENCIAS

A Gazeta das Colonias tem já definitivamente estabelecidas as seguintes agencias:

**No Continente:** — Para o Porto e Norte do Paiz — Os Ex.<sup>mos</sup> Srs. Dias Pereira & C.<sup>a</sup>

**Nas Colonias:** — Para a Provincia de Angola: — A Empreza de Publicidade «Angola», Lim.<sup>a</sup>.

Para a Provincia de Moçambique. — *Lourenço Marques:* Ex.<sup>mo</sup> Sr. Aniano Mendes Serra (com acção nos distritos de Gaza, Quelimane e Tete). *Moçambique:* Ex.<sup>mo</sup> Sr. Antonio Fernandes da Silva. *Inhambane:* Ex.<sup>mos</sup> Srs. A. Cruz, Limitada. *Manica e Sofala:* Ex.<sup>mo</sup> Sr. Luiz Pereira Eduardo.

Para a India: — O Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Roberto Bruto da Costa.

Para Macau: — O Ex.<sup>mo</sup> Sr. Pedro Nolasco da Silva Junior.

Nas restantes provincias: agencias provisórias.

## Aos nossos estimados assinantes

Iniciada a segunda série de 13 numeros, agora correspondente a um semestre, vamos em breve proceder á respectiva cobrança.

No sentido de nos evitarem despêsas e delongas, que a cobrança postal origina, muito nos obsequiaríamos os nossos estimados assinantes mandando satisfazer a importancia das suas assinaturas, na administração

Rua do Diario de Noticias, 44. 1.<sup>o</sup>

pelo que muito gratos ficaríamos.

J. 28 FH

# PROPAGANDA COLONIAL

**N**O artigo com que abre a secção Colonial do «Diario de Noticias» afirma o distinto colonialista sr. Armando Cortezão que «*ha uma grande obra de propaganda a realizar pró-colónias*».

Realmente assim é não ha duvida de que algumas louváveis tentativas se tem feito para pôr em obra essa indispensavel propaganda; mas não é menos certa, e com mágua o reconhecemos, que todas elas têm fracasado, por falta de ambiente propicio á sua acção

Para tornar possivel essa propaganda, cuja urgente necessidade reconhecemos, é, antes de mais nada, indispensavel criar-lhe a conveniente receptividade, rompendo com esta deploravel indiferença a que, entre nós, tem sido votadas as causas coloniais. Sem isso, toda a acção será perdida ou, pelo menos, muito diminuida nos seus efeitos.

Até agora tudo quanto no sentido da propaganda colonial se tem effectivado, não tem conseguido sair dum meio restrito, constituido exclusivamente por devotados coloniais, junto de quem tal propaganda se torna desnecessaria.

Presentemente porem sente-se como que uma lufada de interesse pelos assuntos que ás colonias respeitam. Se tal interesse provem duma doentia predilecção pela feição escandalosa que, infelizmente, estão assumindo algumas discussões sobre colonias, ou nasce do reconhecimento de que a conservação e o progresso do nosso patrimonio colonial constituirá sempre a maior razão de ser da nossa nacionalidade e a sua melhor garantia, não sabemos, nem curamos de saber.

Verificamos que as atenções de muitos portugueses se estão voltando para a nossa vida ultramarina e se assim é, ha que aproveitar o ensejo, procurando prender essas atenções, mostrando-lhes os nossos dominios tais como eles são e como poderão vir a ser, se ao seu desenvolvimento se applicarem tantas energias por aí a desgastar-se em pugnás estereis ou a

atrofiar-se por falta dum ideal definido. Assim todos os esforços que neste momento surjam no sentido da propaganda das nossas Colonias, não serão de mais, e a todos eles os Poderes Publicos devem acolher com simpatia e acompanhar com carinhos, rasgando mais vastos campos á sua acção e preparando o ambiente á sua influencia.

O muito que ha a fazer, não cabe nas naturais possibilidades das iniciativas particulares; ao Estado, pertence, pelo menos, uma grande parte do trabalho a realizar.

A intensificação do ensino colonial já existente, a sua instituição nas escolas onde ele se não professa, tornando-o effectivo e dando-lhe uma finalidade nitidamente definida e que se tenha sempre em consideração, são medidas que ao Estado cabem e que poderosamente contribuirão para criar o interesse pelos assuntos coloniais.

No trabalho de vulgarisação que ha a realizar, deverá a cinematografia ter uma parte importantissima; como factor de propaganda e de difusão de conhecimentos coloniais está ella, entre nós, quasi absolutamente inaproveitada e não será facil que, com esse intuito seja posta em prática pelas empresas particulares, sem a conveniente acção official.

E como este, outros factores de propaganda ha que pôr em jogo para que se tornem conhecidas as nossas riquezas coloniais, para que se mostre o muito que ha feito e o muito que ha a fazer, para que se desperte emfim o sentimento do nosso valor e das nossas responsabilidades; e a todos eles o Estado deve prestar o seu apoio, para que a obra que ha realizar deixe de se ser desse numero restrito de homens, para ser, como deve, uma obra da Nação, de que o Estado é a expressão politica.

\* \* \*

A par, porem, da propaganda que ha a fazer adentro de Portugal, ha que atender á que é necessario fazer-

se no estrangeiro, e em que se notam lamentaveis deficiencias que é indispensavel remediar.

Ainda ha pouco, pretendendo algumas casas inglezas obter conhecimentos sobre as possibilidades da provincia de Moçambique, tiveram de recorrer ás que, sobre o assunto, publica o Almirantado Inglez, visto que á nossa legação faltavam em absoluto os elementos pedidos...

Factos como este, são gravemente prejudiciais para o nosso decôro. Longe de nós pretender que os nossos representantes diplomaticos sejam obrigados a possuir detalhados conhecimentos de toda a vida das nossas colonias; mas não podemos deixar de reconhecer que tendo Portugal tido nalgumas das suas legações adidos militares, adidos navais e adidos comerciais bem poderia ter já pensado em ter nessas legações *adidos coloniais*, tecnicos especializados e aptos a dirigir com os seus conhecimentos a propaganda que, da nossa colonisação, é preciso fazer-se lá fóra.

Uma vez apoiadas eficazmente lá fóra as correntes de propaganda, que de Portugal ao estrangeiro se dirijam, necessariamente hão-de produzir os seus frutos, desde que sejam aqui moldadas no exclusivo instinto de engrandecer Portugal.

Ha efectivamente *uma grande obra de propaganda a realizar pró-colónias*; oxalá as tentativas que se estão fazendo para o levar a efeito, encontrem no reconhecimento dos seus intuitos a compensação moral que merecem.

Adentro do seu plano de propaganda, vai a «Gazeta das Colonias», iniciar brevemente uma série de conferencias que promove.

A primeira dessas conferencias será feita pelo illustre ex-Alto Commissario de Moçambique, Sr. Dr. Brito Camacho, que a subordina ao tema «Politica Colonial».

A S. Ex.<sup>a</sup> apresenta a «Gazeta» desde já, os protestos da sua muita gratidão.

## O Tenente Emilio de Carvalho

**A**INDA mal apagados os ecos do entusiasmo, que em Angola oausou o brilhante feito de aviação realizado pelo bravo Tenente Emilio de Carvalho, chegou até nós a desoladora noticia da morte desse bravo oficial, que tão nobremente, no mais completo desprendimento do perigo, em uma absorvente ancia de engrandecimento da Patria, soube impor, mais uma vês, á consideração do estrangeiro, o nome de Portugal.

Ao ruido da alegria que sacudiu Angola, sucederam as lagrimas de dôr;



O TENENTE EMILIO DE CARVALHO

às esperanças de novos triunfos, seguiu-se o mais torturante abatimento. Angola viu desaparecer um dos mais devotados paladinos da sua aviação; Portugal perdeu um filho que libertando-se desse criminoso egoísmo que hoje norteia a vida de quasi todos os homens, poz aoíma de tudo o desejo de bem servir e de engradecer a sua terra.

A «Gazeta das Colonias» participando do fundo pezar que a todos causou a perda do bravo aviador, presta hoje á memoria do Tenente Emilio de Carvalho a sua sincera homenagem.

## Um emocionante capitulo do "Diario de Bordo,, do malogrado Aviador

### SAZA'RE-AMBRIZETE

*E' a mais tormentosa étape. Fatham indicações do tempo: Quinzau não fala, nem Lunuango; Cabinda tambem não. O ceu está carregado para o Sul. As 7 em ponto, eu proprio enervado e na expectativa de surpresas desagradaveis, abro os gazes, cumprimentando a assistencia dos bons amigos de Sazaire.*

*Trago tambem flores das senhoras de Sazaire ara Ambrizete e preo- ocupa-me a responsabilidade que assumi. Não passo 400<sup>m</sup>; as nuvens andam coladas ao chão. Sou forçado a baixar sobre o Quifuma, de ingrata memoria, a 200<sup>m</sup> e assim vou avançando sobre o Quinzau, ameaçador de nuvens de chuva, como hz dias.*

*Já sobre os relevos da costa, fustigado por remuos do nevoeiro, baixo mais, colando a vista á copa do arvoredo, ás linhas d'agua, á mínima elevação. Sou obrigado a pilotar só com a dextra, ocupado em limpar os oculos, constantemente embaciados. Ponho-os na testa; peor, que a chuva, como pedradas, castiga os olhos, as palpebras. Olho o altímetro:— 30 metros, vinte metros.*

*Foram minutos infernais — daquelles em que se vive uma existência inteira de agonias. E então surgiu o dilema: uma volta na aza, dar a cauda ao vento e outra vez fugir — ou avançar ás cegas, descendo sem cessar, seguindo a curva diabolica dos relevos, tendo cinco metros de horizonte.*

*Americo voltou-se e, resignadamente, riscou o mento com o polegar. Só a velocidade nos salvaria. Conduzi o motor a 1.300 rotações, perigo de rutura:— era preciso furar. E de repente se me desenhou, pelo canto dos olhos (alvo menor de agressões) — uma passagem para o horizonte largo. Atravessára a nuvem; respirei. Olhei o relógio: durara vinte minutos a batalha. Logo ao depois — vi o Ambrizete, a pista e a surpresa de um hangar improvisado pelo zelo do administrador.*

*Aterrei ás 8 e 30 — louvando o Altissimo pelo milagre.*

*E' o vôo mais difícil da minha vida.*

## Cemo foi visto em Angola o feito de Emilio de Carvalho. O que diz o illustre Presidente da Associação Commercial de Loanda

A febril actividade dos povos post-guerra, encontrou na aviação o vehiculo ideal que, ao serviço da paz, mais ha-de contribuir para o seu bom entendimento.

Na guerra, Oscar Torres, na paz, os imortais Gago Coutinho e Sacadura Cabral, na sua scientifica e arrojada viagem ao Brasil e ainda ha pouco o brilhante e arriscado feito a Macau, de Brito Paes e Sarmiento de Beires.

Agora em Angola, o tenente Emilio de Carvalho, intemerato e numa inteligente visão patriótica, voando no fragil «Caudron» sobre o grande reino do Congo «onde o Zaire passa claro e longo, Rio pelos antigos nunca visto» seguindo os versos do épico, recordou comovidamente a todos os portugueses o valor do esforço lusitano, imperecivelmente marcado por Diogo Cam no Padrão, encimado pela mesma Cruz de Cristo que protegia as caravelas de outrora e é insignia da aviação de hoje.

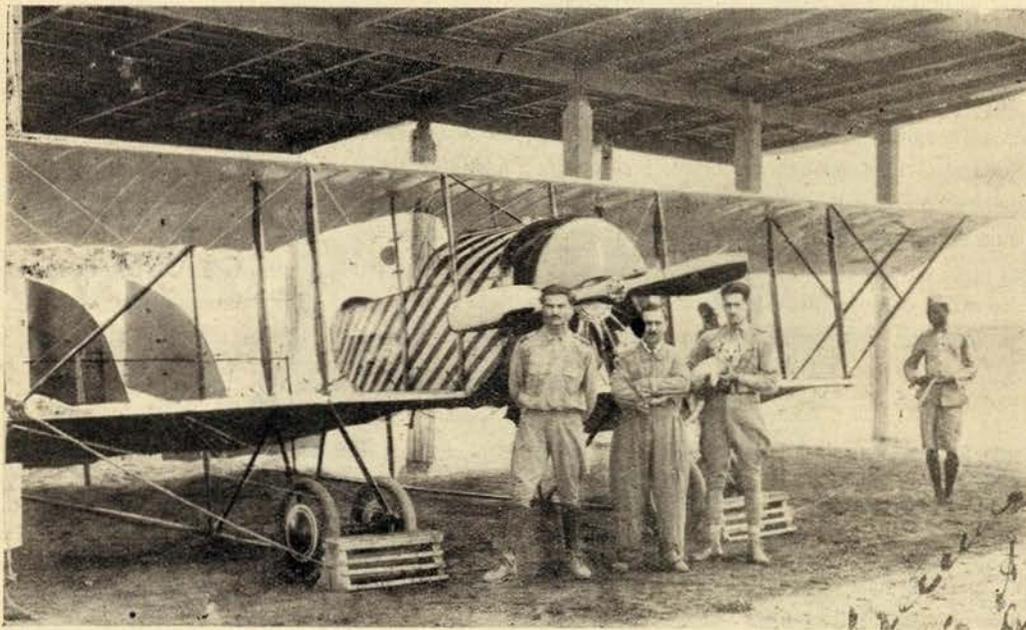
Emilio de Carvalho, em toda a belésa da sua abnegação, conseguiu juntar á volta das suas idéas e dos seus planos de aviação em Angola, uma classe que, em outros feitos, tem tambem afirmado o seu indelevel patriotismo.

E' a classe commercial, que não saberá recusar o seu aplauso e apoio, para que esse veloz meio de comunicação cada vez se intensifique mais neste prolongamento da Patria Portuguesa.

Gloria a Emilio de Carvalho!

GALILEU CORRÊA.

Presidente da A. C. L.



O avião em que Emilio de Carvalho executou a travessia da parte norte da Provincia, vendo-se á esquerda o mecanico Americo Rodrigues que o acompanhou

## O que sobre Emilio de Carvalho diz o ex-Director da Aviação em Angola, sr. capitão Luiz da Cunha e Almeida

Morreu Emilio de Carvalho! Tendo resolvido jogar a sua vida para, á custa do seu sacrificio, fazer reviver as azas de Angola, morreu, justamente, alguns dias depois de ter conseguido o restabelecimento dos serviços de Aviação na Provincia. Triste ironia do Destino!

Espirito superior, dotado de uma vasta cultura intelectual, excelente companheiro e ainda melhor amigo, foi Emilio de Carvalho um dos mais valiosos elementos com que contou o general Norton de Matos para a reorganização, em 1921, dos serviços de Aviação naquela nossa Colónia.

Esses serviços que tinham sido *provisoriamente* extintos, em vista de razões de ordem economica, parecia entretanto que, pela inépcia de uns e talvez pela má vontade, ignorancia ou incredulidade de outros, estavam condenados a ser *definitivamente* riscados dos orçamentos da Provincia por inuteis, se o esforço e a tenacidade de Emilio de Carvalho, secundado pelo desinteressado apoio de alguns amigos leais da Aviação, não tivesse sabido aproveitar a passagem de um homem de invulgares qualidades pelo governo da Provincia, para os fazer ressuscitar.

O raid de Loanda a Sacra-M'Baca e regresso, num percurso de aproximadamente 1.400 kilometros efectuado sobre um velho Caudron, merece especial registo pelo que representa de força de vontade e de heroismo; só quem conhecer o que seja viajar em tal avião e voar sobre regiões perigosas de Africa totalmente desprovidas de recursos, lhe saberá dar o devido apreço.

Que descanse pois em paz o grande pioneiro da Aviação em Africa; com ele e com Sacadura Cabral acaba Portugal e sobretudo a Aviação Portuguesa, de perder dois dos seus mais valiosos e inesqueciveis elementos.

LUIZ ALMEIDA.  
Capitão Aviador

# SACADURA CABRAL

A *Gazeta das Colonias* presta hoje a sua mais sincera homenagem á memoria do Grande Português que foi o Comandante Sacadura Cabral.

Desde as primeiras horas de duvida sobre a sorte do grande aviador, até á pungente certeza da sua perda, temos presenciado as mais eloquentes provas de admiração que o Povo Português tributava a Sacadura Cabral e do luto que causou o seu desaparecimento.

A todas essas justissimas provas de admiração e de respeito por um Homem que soube levar tão alto o nome de Portugal, e de pesar pela sua morte, se associa a *Gazeta* com a mais sincera devoção.

A dôr que Portugal inteiro sofreu, é ainda exacerbada pela incerteza de poder prestar aos preciosos restos do Ilustre Aviador as derradeiras homenagens.

Desperta um sentimento de revolta a ideia de que dormirá o seu eterno sono lá fora da Pátria, quem por Ela tanto fez e quem de Ela tanto mereceu!

Mas se essa impossibilidade se verificar, se o corpo de Sacadura Cabral não puder vir a ocupar o lugar que lhe pertence, a memoria da sua grande figura e a recordação do que fez por Portugal, deve perdurar no espirito de todos os Portugueses, como um nobre exemplo e como um simbolo do Valor, da Lealdade e do Mérito.

Acompanhando Sacadura Cabral na morte, como o havia acompanhado na vida, desapareceu tambem um leal marinheiro, cuja perda todos sentimos com profunda dôr — o cabo Correia.

Morreu junto do seu comandante que adorava, e lá ficará tambem para sempre, longe da Terra em que nascera e sem que as mãos piedosas da familia e dos amigos possam depôr sobre a sua campa as flôres da sua saudade.

Para a memoria desse dedicado marinheiro, filho do Povo Português, vão tambem as nossas sentidas homenagens.

## Como Sarmento Beires, o glorioso piloto da Travessia Lisboa-Macau, encara a morte de Sacadura Cabral.

Escrever sobre Sacadura Cabral no momento em que o seu desaparecimento se conserva aureolado de misterio e de incerteza, é difficil, porque os optimistas, como eu, sentem ainda no espirito aquela teimosa esperança que sobrevive apesar da rajada de desalento que fustiga Portugal inteiro.

Além disso a sinceridade inofismavel que costume pôr em todas as minhas palavras, obriga-me a dizer que, crendo na eternidade do Além Humano, a morte — a ter-se dado — do Comandante Sacadura Cabral, me afecta duma maneira diferente da maior parte das pessoas.

Sacadura Cabral, que, enquanto pertenceu a este mundo, conservou aquele individualismo rigido que era, apesar de tudo, uma modalidade da sua superioridade incontestavel, deve sorrir agora, ao ouvir a litania de encomios, o diluvio de elogios, com que engrinaldam os seus necrologios.

Inteligente, tenaz, ambicioso, e profundamente psicologo, por muito paradoxal que pareça tal afirmação, Sacadura Cabral permanecerá eternamente na memoria do Tempo, que a dos homens esquece depressa! — e só agora serão apreciadas á luz fria de uma analyse imparcial as qualidades que o tornaram o homem superior que foi.

Em Sacadura Cabral perde-se uma das parcelas mais vibrantes da Patria Portuguesa.

E nesse nome obscuro do cabo Correia, nome em que ninguém fala porque o fulgor do primeiro o ofusca, ha um simbolismo extranho que me apraz notificar:

O cabo Correia representa neste instante todo o humilde Povo portuguez, esse povo grande, bom, de alma cheia de afectos latentes, que vai, no instante doloroso que passa, acompanhar uma vez mais o Comandante, como o acompanhava nas horas entusiasticas da travessia do Atlantico!

## Como o Comandante Ortins de Bettencourt, da Aviação Maritima, sente a perda do seu malogrado chefe.

Sacadura Cabral, depois de ter arrostado a morte vezes sem conta, em empresas que fizeram dele o maior herói de Portugal moderno, veio a succumbir, como Ross Smiths e Navarre, no momento em que se julgava longe de perigo.

Não mais assistiremos á sua argumentação de ferro, ao peso dos seus numeros e á sua preocupação de severa economia que talvez o tenha levado ao seu ultimo vôo.

Mas Sacadura Cabral não morreu; simbolo da tenacidade e do desprezo pela vida, viverá sempre no coração de cada portuguez, que procurando imitá-lo prestar-lhe-há a maior homenagem e contribuirá no maximo para o engrandecimento da Patria.

Lisboa, 26-11-924.

SARMENTO BEIRES.

M. ORTINS DE BETTENCOURT.



O comandante Saadura Cabral

---

**SÁ LEITÃO & C.<sup>A</sup>, L.**

R. DA MADALENA, 45, 1.<sup>o</sup>

LISBOA

— Teleg.: "MONDEGO" — Lisboa —

## Importação e Exportação

directa das suas casas em ÁFRICA de todos os produtos de ANGOLA (Africa Ocidental Portuguesa)

Café, Cacao,  
Coconote, Óleo de  
palma, Urzela.  
Borracha, Cera de  
abelha, Goma  
copal, Marfim etc.

Em deposito para  
fornecimentos:

Fazendas, Quinquilharias,  
Géneros alimentícios, Fer-  
ramentas, Vinhos, Oleos e  
variadíssimos artigos da in-  
dustria nacional e estran-  
geira



DEPENDENCIAS DE LOANDA

# P. Santos Gil, Limitada

Importadores de Material Telegrafico e Material Ferro-Viário de toda a espécie:

LOCOMOTIVAS, ZORRAS AUTOMÓVEIS, CARRUAGENS, TRACTORES AGRICOLAS, ETC.

Conserva stocks permanentes para entrega imediata

FABRICANTES | *Koppel Industrial Car & Equipment Co., Ltd.*  
*Pennsylvania Car and Manufacturing Comp.<sup>a</sup>*

### Secção de construções

Ladrilhos e Azulejos em lindos desenhos e cores  
Murales «Murite», preservativos de madeiras em  
variadas cores, telhas e chapas de asbestos, etc.,  
das melhores marcas.

### Secção de Madeiras

Possuimos em armazem, para entrega imediata,  
madeiras da Provincia das melhores qualidades, em  
pranchões, barrotos e taboas, assim como travessas  
para camións de ferro, paus para minas, etc.

### Secção de Productos

Compramos e exportamos toda a qualidade de  
productos da Provincia, tais como: Milho, Mapira,  
Copra, Amendoim, etc.

Estancias e Armazens Alfandegados ao Kilo-  
metro 1 para Deposito de Mercadorias.

Officinas de Serração, Fabrica de Mobílias,  
Portas, Janelas, Aros, etc. movidas a Electricidade.

TELEFONES | Escritorio 400  
Estancia 493

LOURENÇO MARQUES

# Guiné

## O "Rio Grande" das crónicas e dos antigos navegadores é o actual "Rio Geba"

EM 1446 saíram de Lagos sete caravelas, a que se juntaram mais duas idas da Madeira, tendo esta frota seguido a caminho da Guiné, que no ano anterior fóra descoberta por Nuno Tristão. Apenas seis destas nove caravelas, sob o comando de Fernão Vilarinho e Estevão Afonso, chegaram a um rio de grande largura, 60 léguas além do Cabo Verde, tendo desembarcado alguns dos seus tripulantes que foram os primeiros a pôr pé na actual Guiné Portuguesa; este rio era o actual Rio Geba.

Parece, porém, que o não pensou assim o sr. Almirante Ernesto J. de C. e Vasconcelos, illustre Secretario Perpetuo da Sociedade de Geografia, que no Vol. II do seu «*Colónias Portuguesas*», em que trata da Guiné, diz a pag. 4:

«Como a maré depois enchessé de novo, o *macareu* outra vez os assaltou, julgando eles mais prudente retirar-se. Por esta descrição vemos que o rio a que elles chamavam Fancasso e que, diz Diogo Gomes na sua narrativa, era para lá do *Rio Grande*, deve corresponder ao rio Geba em cujo estuário se dá o fenómeno do *macareu*. E' por isso natural que o *Rio Grande* das crónicas, seja antes o *Cazamança* do que o rio que hoje toma aquele nome, razão temos para o supor em vista duma descrição que do rio faz Azurara; mas é ponto a averiguar».

Pedimos vénia para discutir a opinião de tão abalisada autoridade, tanto mais que reconhece que é «ponto a averiguar».

Na verdade, na elaboração do vasto trabalho a que estamos procedendo sobre a «História e Descobrimto da Guiné», tivemos ensejo de definir ideias sobre o assunto.

Quanto a nós, o *Rio Grande* das crónicas é o actual Rio Geba e o rio Fancasso é o actual Rio Grande de Buiba. Se não, vejamos:

Cadamosto, escritor contemporaneo de Diogo Gomes, que embora se attribuisse feitos que não praticou faz descrições verdadeiras, na sua segunda navegação descreve a costa da Guiné duma maneira precisa, referindo-se ao Rio Grande com o seu fenómeno do *macareu* (a) como sendo o actual Rio Geba; Duarte Pacheco, no *Esmeraldo de situ orbis*, descrevendo a costa da Guiné descreve tambem o Rio Grande e fenómeno do *macareu* que nele se dá, exactamente como o actual Geba; André Alvares de Almada, no seu *Tratado dos Reinos da Guiné*, em 1669, refere-se igualmente ao fenómeno do *macareu* no Rio Grande, descrevendo-o tambem como o actual Geba. Bastariam as descrições destes escritores do tempo em que o Rio Geba era conhecido por Rio Grande, para mostrar que este não era o Casamança, a que aliás todos eles se referem e descrevem. Mas ha ainda o celebre mapa mundi Mss. de 1489 do Museu Britânico, em que vem o Rio Grande com a sua característica foz muito larga onde é o actual Rio Geba, repetindo-se isto mesmo noutros mapas e cartas posteriores.

De resto, Azurara não fala no Rio Grande, diz apenas que o rio em que estiveram em 1447 Gil Eanes, Lourenço Dias, Estevão Afonso e seus companheiros, ficava 60 léguas além do Cabo Verde e «era assaz de boa largueza» tendo-se perdido uma caravela num banco de areia; nada disto indica que este rio não seja o

(a)—O fenómeno do *macareu* que se observa nalguns rios do mundo, com nomes regionais, é na Guiné Portuguesa exclusivo do Rio Geba.

No momento em que na foz do rio termina a vazante e começa a enchente, forma-se uma onda, em breve transformada num grande rôlo de água e espuma, que com muito ruido e rapidez avança até algumas dezenas de km. pelo rio acima.

Rio Grande ou o Rio de Geba, pois que este está na verdade 60 léguas além do Cabo Verde, é assaz de boa largueza e tem muitos bancos de areia em que a caravela se podia ter perdido.

Na tradução de Gabriel Pereira, esta passagem de Diogo Gômes vem assim: «E assim passamos o Rio de São Domingos e outro rio grande que se chama *Fancasso*, para lá do *Rio Grande*, e tivemos ali grandes correntes de mar, e na enchente faz grande impeto, o que chamam *macareu*, porque então não ha ancora que possa aguentar».

Na verdade, quem não profunde o assunto pode depreender daqui que se descreve o *macareu* como dándose no Rio Fancasso; mas aqui ha apenas falta de clareza de Valentim Fernandes, ao escrever a narração de Diogo Gômes. O latim barbaro do Codice original, diz assim: «Et sic transivimus flumen sancti dominici et alium fluvium magnum qui vocatur fancasso, ultra ryo grande et habuimus illic magnas correntes maris. Et crescente mare fecit ibi magnum impetum qui vocatur macareo qui tunc non est ancora quae potest tenere».

Não pode, porém, deixar de se depreender que este ali (illic e ibi) se referem ao Rio Grande, quando da passagem das caravelas.

Nalgumas cartas antigas indicavam até o Rio Grande e o Fancasso ou Biguba como braços do mesmo Rio, assim vindo tambem do mapa de Valentim Fernandes.

E' desta falta de clareza que possivelmente nasceu a suposição do Sr. Almirante Ernesto de Vasconcelos, não nos parecendo que agora possa haver mais duvidas, depois do caso devidamente *averiguado*, de que o que nas crónicas se chamava Rio Grande é o actual Rio Geba, e não o Casamança.

Armando Zuzarte Cortezão

# COMPANHIA AGRICOLA DA BEIRA

CAPITAL £ 350.000

Productores do Extracto de Mangal — Sabão  
Madeiras Serrades — Milho — Algodão  
Feijão e Amendoim

CREADORES DE GADO

SÉDE  
Rua do Crucifixo, 16, 2.º  
LISBOA

ADMINISTRAÇÃO EM AFRICA  
**BEIRA**  
Caixa Postal 162—Africa Oriental Portuguesa

Endereço Telegrafico — AGRIBEI

# SOUSA MACHADO & C.

Sede em **LOANDA**

Angola — Cabo Verde — Guiné — Lisboa

Importação e Exportação — Productos Coloniais  
Cereais de Angola — Comissões e Consignações

Representantes privativos na Africa  
Occidental Portuguesa da:

**FORD MOTOR COMPANY** E. U. A.

Filiais no: **LOBITO HUAMBO**

Representação e Importação exclusiva de carros de turismo, camionetes, tractores **FORDSON**, accessorios e sobressalentes

Filial em Lisboa — **RUA GARRETT, 62, 2.º**

END. TELEG. } Para Angola — **SOMA**  
                  } Para Lisboa — **SEGUE**



# Angola

## A CRISE DE ANGOLA

Os empréstimos realizados. — As suas condições, os seus fins e a sua aplicação

É sobre a *política financeira* do ex-Alto Comissário — e abstraindo-se da sua íntima ligação com a *política económica* — que, presentemente se desferem os raios e coriscos da indignação. Como «*néo-fontismo colonial*» a considerou o sr. Filomeno da Camara; e, para que bem definida ficasse a expressão, lembrou nos a frase com que o sr. Anselmo de Andrade comentára o *Fontismo* nacional, chamando-lhe... *a furia dos melhoramentos aliada á sciencia financeira de Marrocos*.

E' certo que o distintissimo ex-Governador Geral de Angola não condena indiscriminadamente todos os melhoramentos — e outra coisa não era de esperar da sua lúcida intelligencia. Mas discorda da velocidade e da largueza que se desejou imprimir-lhes, opinando que todo o esforço se devia concentrar em realizações immediatamente produtivas para que, assegurando-se receitas, o orçamento ficasse habilitado «*a custear outras obras de reconhecida utilidade e rendimento*». Quere dizer: o progresso da colonia extraído do seu proprio ventre, grão a grão e gota a gota, sem se recorrer aos empréstimos aceleradores que, no seu entender, os orçamentos não comportam e... *não se podem pagar*.

Parecer gravissimo é este, que, dimanando de quem, por seus dotes e categoria, é ouvido com atenção neste país, pode trazer-nos como consequencia... o descrédito da colonia, que se reputa insolvente, e o seu regresso ao antigo caminhar, arrasado e lento, de velha tartaruga. Pois o que é que, ha seculos, nós vimos teimosamente experimentando senão esse prodigioso milagre de fazermos obras... sem dinheiro? E onde estão elas? Onde estão elas, que ninguem as enxerga e nos não salvaguardam de quantos «*Marios Busetto*» andam a pesquisar nas trevas para, em letra redonda, gritarem aos quatro ventos que... *il Portogallo é troppo piccolo per le sue colonie?*

Combatem-se os empréstimos só porque representam *dividas* não é logica que possa convencer a nossa razão. Na Humanidade inteira não se encontrará uma só nação que aos empréstimos não haja recorrido para as suas grandes obras de fomento; e, se tal processo constitue a *sciencia financeira de Marrocos*, é, então, porque Marrocos, nesse ponto, não tem muito de que envergonhar-se na face do planeta.

Para que os empréstimos se criminem, eu julgo indispensavel que, de forma clara e iniludível, se demonstre:

1.º que as importancias mutuadas foram excessivas ou que ruinosas foram as suas condições;

2.º que esses empréstimos eram dispensaveis ou que um falso criterio presidiu á sua applicação.

Já se provou isto? Permito-me discordar daqueles que assim o julgam. E, não vendo diante de mim a pessoa que os ataques alvejам, mas olhando apenas, e carinhosamente, os supremos interesses da Provincia, — que tambem são os da minha Patria, — exporei porquê. Ora aprecie-mos...

A) Os empréstimos e suas condições:

Na acta do Conselho Legislativo, referente á sessão de 14 de Setembro de 1923, lê-se o seguinte:

«São de três especies os empréstimos contraídos pela Provincia de Angola:

«I) Empréstimos internos, desdobrados pela seguinte forma:

«a) Ao Banco Nacional Ultramarino, empréstimo de 8.000.000\$00, «tipo 5 1/2%, contraído em 1917; termina em 1988 a sua amortização;

«b) Empréstimo de 30.000 obrigações de 100\$00, tipo 3 1/2%, para indemnizações pela proibição do «fabrico do alcool; termina em 1924 a sua amortização;

«c) Ao Banco Nacional Ultramarino, tipo juro 6 1/2%, nos termos do «contrato que a Provincia de Angola «fez com o Banco, podendo ir até «10.000 contos ouro em escudos de «Angola ao cambio do dia, e só «princiando a ser amortizado a «partir de 1935. No ano economico «findo fizeram-se empréstimos no valor de 53.000 contos e no ano economico corrente estão autorizados «empréstimos até 109.200 contos.

«II) Empréstimos em Portugal, «contraídos com a Caixa Geral de «Depositos, tipo 7 1/2%, amortizaveis «em 25 anos;

«a) Empréstimo de 4.400 contos «(valor recebido 4.000 contos);

«b) Empréstimo de 5.500 contos «(valor recebido 5.000 contos);

«c) Empréstimo de 6.600 contos «(valor recebido 6.600 contos).

«III) Empréstimos em libras nos «nos termos do contrato com a Companhia dos Diamantes de Angola; «juro, o da taxa de desconto do «Banque de Belgique», mais 1 1/2%, «amortizaveis a partir de 1935 em «25 anuidades. Até hoje realizaram-se empréstimos desta especie até á «soma de 495.000 libras.

Os dois primeiros não são da responsabilidade do Alto Comissariado da Republica, nem no seu tempo foram applicados. Compute em cerca de 5.000 contos a importancia que falta para a sua completa liquidação.

Os numeros que o sr. Filomeno da Camara, no seu artigo de 14 de Outubro, nos apresenta como sendo o montante da *divida consolidada* proveniente dos empréstimos, divergem sensivelmente daqueles que se podem extrair do relato supra-transcritto. E' de presumir, portanto, que outras quantias foram levantadas após o embarque do sr. General Norton de Matos, somando actualmente o seguinte:

Escudos da Metropole ..	24.500.000\$00
» de Angola .....	172.400.000\$00
Libras .....	509.537-06 02

Como nenhuma repugnancia tenho em aceitar estes algarismos, que indubitavelmente se firmaram na mais escrupulosa investigação, neles me apoiarei tambem para as conclusões a que desejo chegar.

Reduzidos os escudos a ouro, e contando já que a libra desça até 100\$00, assim teremos, para a totalidade da *divida consolidada* de Angola, um montante de

Lbs. 2.478.557-06-02

Acrescente-se agora tudo quanto constitue a *divida flutuante* representada por:—936.000 libras da quota parte do credito de 3 milhões de libras, cedida á Provincia para compra de materiais de caminhos de ferro; encargos e despesas extraordinarias da Agencia Geral de Angola; emprestimo gratuito de 3.000 contos do B. N. U.; emprestimo de 3.600 contos da Caixa Economica Postal de Angola; dividas ás Companhias de Navegação; dividas dos contratos dos portos e reconstrução da linha de Ambaca; dividas a fornecedores e á Metropole; e ainda cerca de vinte mil contos de cédulas que na Provincia se pozeram em circulação. Soma tudo, segundo os calculos do sr. Filomeno da Camara,

Lbs. 1.400.00

Em numeros redondos, teriamos, portanto, a divida total da Provincia, com as orelhas bem puchadas, accusando um montante inferior a

Lbs. 3.900.00

E é isto—isto!—que amedronta, e preocupa, e desespera tanta gente?—Eu pasmo! Pasmo... e entristeço!—E' que, espalhando os olhos por esse mundo de Cristo, não vejo senão ideais rasgados e amplos orientarem os homens no engrandecimento da sua Patria. Ao passo que, entre nós, parece que até se choram as tristes migalhas com que mãos generosas pretendem alimentar a fecundidade do seu seio.

O que são 3 ou 4 milhões de libras para o desenvolvimento material e economico dum territorio tão vasto como o de Angola?—Uma simples gota de agua. Lembremo-nos de que cerca de 3 milhões de libras custaram os miseraveis 364 quilometros do Caminho de Ferro de Ambaca e que muito mais do que isso já o Estado lhe pagou como garantia de juro e complemento do rendimento bruto... sem que nada haja aproveitado. *Tres milhões de libras*,—é apenas o custo dum posto como o de Tandjong—Priok, em Batavia, e ainda mais do que isso gastou a Australia Occidental numa simples cana-

lização de águas para abastecimento da cidade de Kalgoorlie. *Tres milhões de libras*,—foi quanto o governo inglez, em 1912, deliberou dispender por ano, e durante 15 anos, somente para cooperar com os dominios na colonização dos seus territorios.

...Todavia, pelo que nas gazetas se lê e no parlamento se ouve, anda muito espirito alarmado com os *esbanjamentos* duma administração que, em cerca de trez anos, tratando de melhorar os portos e os caminhos de ferro, as estradas e os serviços de comunicações, as comodidades dos funcionarios e as instalações do Estado, a assistencia indigena e a colonização, gastou, em toda a Provincia, o que normalmente se gasta numa *bagatela* em qualquer colonia que deseje progredir.

Em 1900, a divida do pequeno Estado da Nova Gales do Sul, na Australia, já excedia 90 milhões de libras... e ainda se pedia mais. Na Nova Zeelandia,—diz-nos J. Fraser— a dificuldade já estava a ser, não a existencia de recursos para o pagamento da divida, mas das receitas necessarias para o integral pagamento dos seus respectivos juros. E, até aqui mais perto, no Egipto, se viu tambem que os encargos da divida chegaram a absorver mais de metade dos seus rendimentos gerais, constituindo ainda hoje a maior verba do seu orçamento de despesas.

Mas como teria sido possivel o enriquecimento dos Estados australianos sem as suas dispendiosissimas obras de fomento, e como teria progredido o Egipto sem as formidaveis barragens do Nilo para a irrigação normal das suas terras inundaveis?

Trez ou quatro milhões de libras, —o que é isso para Angola?!

...E, se não é nada, como se vê, então porque se grita?—Será pelas *condições* em que o dinheiro se obteve? Eu creio que a Caixa Geral dos Depositos a ninguem empresta em condições diferentes daquelas que a Provincia contratou. E os mais avultados emprestimos que o Governo da Colonia realizou com o Banco Nacional Ultramarino e a Companhia dos Diamantes de Angola, respectivamente regulados pelo contrato de 26 de Junho de 1922 e Decreto n.º 11 de 12 de Maio de 1921, além de se recomendarem pela modicidade dos seus juros, ainda os vejo como dignos da nossa atenção mais carinhosa, tanto pelo largo periodo que se fez mediar até ao começo da sua amortização, como pela base ouro que, numa previsão intelligente contra as oscilações cambiais, neles se estabeleceu. Nos onze anos que ainda faltam para que essa amortização principie, quem não depositará jus-

tissimas esperanças no desenvolvimento de toda a sua riqueza?—E não nos esqueçamos de que os emprestimos da Companhia dos Diamantes virão a ser, total ou principalmente, pagos com o *produto da participação da Provincia nos lucros da Companhia e dividendos que lhe caibam*,—o que se deve exclusivamente á acção energica do seu Alto Commissario, que, revogando as prejudiciais disposições do decreto de 20 de Setembro de 1906 sobre a pesquisa e lavra de minas, tornou possivel a co-participação do Estado nos rendimentos liquidos (40%) das explorações mineiras.

E vem a talhe de foice dizer-se agora que, se muito cuidado e senso orientaram as clausulas dos contratos que se firmaram, já na discussão travada o mesmo não encontro eu, porquanto dela está resultando um perigosissimo desvio na corrente da opinião, tendo já como primeira consequencia a suspensão do emprestimo de 1 milhão de libras negociado com a Companhia dos Diamantes nos precisos termos do seu contrato, e a cuja aprovação em Conselho o Poder Central opoz embargos... obrigando-nos, talvez, ao desaireiro protesto das letras, que levou de roldão o Ministerio. Atentemos em que, se nos dois contratos se estabeleceu uma base *ouro* para a entrega de valores, não foi decerto para que noutra base eles fóssem restituídos. E assim o entende tambem o sr. Filomeno da Camara quando, referindo-se ao emprestimo do B. N. U., nos diz que, *num periodo de grande instabilidade cambial, é esta a unica forma de ambas as partes se prevenirem contra grandes prejuizos*. Mas —é curioso!— S. Ex.<sup>a</sup> já segue criterio diferente quando opina que a Companhia dos Diamantes não tem direito a receber em *libras* a mesma quantidade que, em *francos belgas*, ao par e num direito de opção, á Provincia adiantou... Porquê? Será porque no contrato se diz que o *reembolso* deverá efectuar-se na *mesma moeda* em que os emprestimos tiverem sido feitos? Está bem! Mas naturalmente se subentende que o montante em *francos belgas* não poderá ser inferior á quantidade das *libras* recebidas, pela sua equivalencia, no momento da operação. E, se assim não fósse, então sempre teriamos de cair naquele maravilhoso negocio que o B. N. U. já vislumbra com as avultadas quantias que, tambem numa base ouro, entregou a Colonia, em notas inconvertiveis da sua emissão. Que mina seria para o Banco — e que desgraça para o Estado — se a tão estranho principio se desse fóros de lei!

Ora imagine-se que, lá para 1935,

a libra, tendo rolado até ao par, vinha encontrar o Banco como crédor da Provincia nos 172.400 contos que, em fracos *Chamiços*, lhe emprestou. O que resultaria daí?—Isto apenas: o Banco receber nada menos de 172.400 contos oiro pelos miseros 7.000 e pico que, de facto, lhe abonou. Olhem que brincadeira!...

E tudo isto porquê?—Talvez porque agora, ante a desvalorização do franco belga, se tornou sedutora a ideia de que os 20.337.368,75 francos recebidos, na equivalencia de 400.000 libras, se poderiam pagar com igual numero de francos... valendo apenas 216.000 libras.

Confronte-se o *lucro* com a *perda*, —e calcule-se onde iriamos parar!

...Assim me parece demonstrado, portanto, que nem o montante dos empréstimos, nem as suas condições, são de natureza a justificar o ruído que está atormentando os ouvidos do país.

Mas, nesse caso, onde estará o *gato*?—Vejam... .

B) Os seus fins e a sua applicação: Acaso seriam dispensaveis os empréstimos? Haveria, sequer, possibilidade de se adiares convenientemente os objectivos de colonisação e fomento a que eles se obedeceram?

O sr. Filomeno da Camara é o primeiro a reconhecer que o *deficit* era a situação tradicional da Provincia. Ora, sendo uma verdade axiomática que, *do nada, nada se faz*, creio que muito menos se fará quando a *existencia* ainda fôr menos do *nada*... representando-se por um buraco sem fundo que a Metrópole, como as Danaides do inferno, ficaria eternamente condenada a encher.

Logo, não repugna admitir-se que só se poderia sair do *ponto morto* quando, para obras, nos sobrasse... o dinheiro. E como é que o dinheiro se obtém quando se não possui? Naturalmente... pedindo-o. E até aqui chegaria o amigo Banana, desde que *á priori* tivesse excluído que nem *dado* nem *roubado* o poderia haver ás mãos.

...Pois foi o que se fez!—E assim se viu uma coisa que na Provincia nunca se tinha visto:—as suas *despesas extraordinarias*, representativas de melhoramentos, excederam largamente as *despesas ordinarias* que se consomem em pessoal e papelada... sem beneficio para a exportação.

Ora aprecie-se:

	D. ordinarias	D. extraordinarias
1921-1922.	22.507.000\$00	31.000.000\$00
1922-1923.	34.107.000\$00	45.000.000\$00
1923-1924.	71.525.000\$00	132.200.000\$00
Soma..	128.139.000\$00	208.200.000\$00

As primeiras, eram cobertas pelas *receitas ordinarias* da Provincia; as

segundas, principalmente pelo produto dos *empréstimos*.

Com surpresa minha, o sr. Filomeno da Camara apenas reparou nas *despesas extraordinarias* para, numa soma exquisita, nos apresentar o *deficit* da Colonia subindo a dezenas de milhares de escudos. Era, porém, diferente a contabilidade que S. Ex.<sup>a</sup> deparou em Angola quando, em 1918, tomou posse do seu governo. Ora veja-se como estava organizado o orçamento de 1917-1918, por onde S. Ex.<sup>a</sup> se regeu:

	Receitas	Despesas
Ordinarias	6.411.221\$83	9.857.607\$70
Extraordinarias..	7.024.000\$00	6.560.805\$50
Soma....	13.435.221\$83	16.418.413\$20
Déficit.	2.983.191\$37	

Quere dizer: o *deficit* era apenas constituído pela importancia que a soma das receitas ordinarias e extraordinarias deixava sem cobertura. Mas não foi assim que o sr. Filomeno da Camara procedeu para nos mostrar o *deficit*, de Angola no ano que analisou...

E' apenas um reparo que faço, porque, se alguma coisa me preocupa não é o *deficit* mas... a obra. Quando os *deficits* são daquela natureza, cobertos por dinheiro á vista, e applicados em trabalhos productivos,—oxalá a providencia continue a mostra-los no orçamento de Angola, para seu proveito e honra nossa.

Acrescem encargos?—Que importa se é *semente* que se lança á terra, para mais tarde germinar em frutos?

E' da *semente* que se duvida?—Sim, é isso; eu sei. E tambem ninguem me ouvirá dizer que em boas obras *tudo* se gastou, porque exacto conhecimento tenho de *muito* que mãos pródigas dissiparam. Mas a minha consciencia insurge-se contra a injustiça de se atribuirem todos os desperdícios ao Alto Commissario que os serviços determinou, sem se reparar que, por essa forma, nenhum *Poder* do mundo ficaria isento de culpas ante as irregularidades e desleixos que na administração publica se praticam.

Encerremos o parentesis, que longe nos poderia levar... Os homens pouco valem. As ideias valem muito mais pela sua grandeza e rectidão do que pelos seus fracassos.

Foi para *fomento* e *colonisação* que o dinheiro se pediu, e foi, principalmente, em *fomento* e *colonisação* que o dinheiro se empregou. As tabelas orçamentais provam-no á evidencia e ai de nós se tambem os seus numeros incorrem em suspeição.

Angola não tem outro *problema*: é aquele!... Porque tambem é *aquele* o *problema* da *produção*. Terra quasi

despovoada, como já com numeros rigorosos demonstrei, o que ha a fazer-se, sem delongas nem hesitações, para que no seu ventre não continue inexplorada toda a riqueza que encerra, é apenas isto:—resgatar o braço, economisar o braço, multiplicar o braço. As muitas dezenas de milhares de homens, que em Angola se pedem no serviço de transportes, urge que acudam a substitui-los as locomotivas, os carros de motor e até as viaturas de tração animal,—assim se impondo a construção e o apetrechamento dos caminhos de ferro, a abertura e a conservação de estradas, por onde a produção deslize até aos portos. As vidas, que se extinguem por aquelas regiões de morte onde a *tzé-tzé* abunda propagando a hipnose, é inadiavel que se poupem ao terrivel mal que ás dizima,—e isto consegue-se pelo alargamento dos serviços de hygiene, que, no dizer do dr. Bonnefont, devem ser a *questão dominante* nos paizes coloniais depois que a sua pacificação é atingida. O despovoamento, que se nota opondo embaraços graves a toda a especie de actividade economica, verdade imensa que os zoilos não querem reconhecer, combate-se não só pela luta a todos os males que, como o alcoolismo e a sífilis e a miseria, definham a população reduzindo a natalidade, como tambem pelas seduções que ao emigrante se ofereçam,—e estes são os problemas que se resolvem pela assistencia indigena e pela colonisação, as obras máximas, e talvez as mais ingratas, da administração dos nossos grandes dominios do ultramar.

...Pois esta era a *finalidade* da acção desenvolvida pelo sr. general Norton de Matos dentro da Provincia,—e é essa *finalidade* que ninguem quer ver e que se lhe nega! E' como português que aqui deixo esta exclamação gritava com a mais profunda dôr, porque a minha simpatia de homem pelo ex-Alto Commissario, que tão injustamente me feriu no brio, é coisa que não pode existir.

Consultem-se os orçamentos do triénio de 1921-1922 a 1923-1924 e veja-se como o montante das verbas destinadas áquelas realizações constituem o gróssio das despesas effectuadas:

Estudo e construção de portos.....	61.550 contos
Estudo e construção de caminhos de ferro....	63.150 »
Compra de automoveis e «camions».....	4.300 »
Combate á doenca do sono	1.800 »
Assistencia medica aos indigenas.....	1.500 »
Serviços urbanos e construção de casas.....	7.700 »
Colonização.....	4.000 »
Construção de hospitais.	890 »

Acrescentando-se a estas verbas

ainda a quota parte dos 7.000 contos que se dispenderam nas instalações dos distritos e construção de estradas correspondendo a melhoramentos do mesmo alcance, assim teriamos cerca de 70 % dos gastos equivalendo a *sementeiras* da maior produtividade.

Mas ha de dizer-se que a obra, que se vê, não vale aquela soma respeitavel... E, de facto, assim é. Nos portos, *ninguem vê* os estudos que se fazem e os alicerces que agua e terra cobrem,—mas quanto representa isso em dinheiro? Nos caminhos de ferro, tambem *ninguem vê* os trabalhos das brigadas e as terras que se removem,

—mas quanto se dispõe antes que os «rails» serpenteiem pelo solo? Nos serviços de hygiene e assistencia indigena, igualmente *ninguem vê* o matagal que se destroe, o hervedo que se capina, o charco que se aterra, o medicamento que se distribue,—e a quanto monta tudo isto? Emfim, na colonisação que se protege, quanto vai em despesas de amparo, que tambem *ninguem vê* senão nos documentos que a Fazenda liquida?

Não se contará com isto?

...O que mais se vê são *ruínas*, —tambem ouço dizer. Pois assim será, desgraçadamente. Mas por en-

quanto, deixem-me viver no sonho de que tudo *aquilo*, que aflora á terra, é ainda o *alicerce* vastissimo da grande obra que Angola reclama, e que outras mãos saberão levar ao fim. Frassará?—Talvez, talvez!...

...Eu vejo—como sempre vi—que são muito poucos a ajuda-la,—e muitissimos a encaminha-la para morrer. Mas, com o meu silencio, não! Deilhe muito da minha vida.—não poderei agora recusar-lhe o meu amor.

E se fôr eu que vivo alimentando um erro, Angola que me perdôe os desatinos do coração,

A. LEITE DE MAGALHÃES.

## Contribuição para o estudo do clima do planalto de Angola sobre o ponto de vista meteorologico e medico

(Conclusão)

Os *nevoeiros* e *ciclones*, em que alguns falam, só por brincadeira podem ser apresentados como elemento peiorativo do clima do planalto, sobre tudo para os que conhecem os nevoeiros do litoral sul da provincia e até os de Lisboa. Os nevoeiros no planalto poucas vezes apparecem e só limitados aos cursos d'agua duma certa importancia e desaparecem ao levantar do sol. Quanto aos ciclones é coisa que desconheço no planalto e em que os mais antigos colonos não falam. *Tornados* ou remoinhos alguns vi, mas sem importancia, pois se limitam a atirar a alguns metros de distancia as roupas das lavadeiras.

Fenomeno mais para temer são as geadas que nalgumas noites frias de Julho e Agosto tudo queimam, sobre tudo á beira dos rios. São elas o terror do agricultor, pois que numa noite pôde vêr desaparecer todo o producto do seu trabalho. E' tão intensa ás vezes que até as folhas linhosas das arvores queima. As geadas e as nuvens de gafanhotos que por vezes apparecem são para mim o grande flagelo da agricultura, sobre tudo no planalto de Mossamedes. Felizmente que são fenomeno esporadico.

O planalto é bem favorecido pelas chuvas pois em regra neles chove uma media de 1 metro por ano, muito mais do que no litoral e num numero de dias tambem muito superior. Sob este ponto de vista os pontos mais favorecidos são o planalto medio e norte, que por isso são os que melhor se prestam á exploração agricola.

O planalto é abundante em aguas potaveis. São leves, de grau hidrotimetrico inferior a 2, 5. São puras, sem inquinção organica, devido com certeza ao habito que os naturaes têm de constituirem as suas habitações longe do vales e das correntes d'agua, nos altos, por uma questão de estrategia instintiva.

No *planalto norte* só uma ou outra terra, como Camaxilo, é que goza dum clima que se pôde aproximar do que acabo de descrever, pois que nele a sua tensão de vapor d'agua vai além do 12 milim. Malange então já se aproxima muito pelos seus elementos meteorologicos dos climas tropicais, visto que a sua media anual de temperatura ultrapassa os 22 graus e, tanto pela sua alta tensão de vapor como pelo seu elevado grau de humidade relativa, pôde ser incluída na classe dos climas quentes, o que se pôde verificar no grafico C.

Não pôde este planalto pois dizer-se apto para a aclimação e propagação da raça branca, o que não quere di-

zer que não se preste e muito bem para a instalação de colonias commerciaes e agricolas de exploração, para o que os seus terrenos se prestam bem, e melhor do que os dos outros dois planaltos, o que facilmente se percebe. Em conclusão: A *apreciação dos elementos meteorologicos dos mapas e graficos, associados á observação pessoal, dão-nos a convicção que os dois planaltos, medio e sul de Angola, se prestam admiravelmente para a colonisação branca*. Evidentemente para isso é preciso que uma selecção previa seja feita e que por todos os modos se evite a infecção palustre na passagem dos colonos do ponto de origem para o planalto.

Mas para que uma colonia prospere não basta que os seus elementos componentes sejam sãos e que o clima não lhes altere o seu estado higido; é preciso tambem que a região que eles vão habitar seja productiva, lhes forneça os productos necessarios para a sua alimentação, e lhes remunere o sacrificio do abandono da sua terra. Uma região tão vasta como a planaltica com climas tão variados que vão desde o que acabo de descrever até aos do extremo leste e S. E. da provincia, alguns dos quais na estação quente tem uma temperatura igual senão superior á das regiões sub-tropicais, descendo muitas vezes no tempo do cacimbo a 0 de graus; uma região assim deve prestar-se a culturas muito variadas. Assim é; ahí vegeta bem tudo o que a terra dá nos climas temperados e quasi tudo dos climas tropicaes. Ahí vegeta bem o linho, o algodoeiro, os cereaes, a cana do assucar, a batata e a mandioca; todas as arvores frutiferas das temperadas e muitas das regiões tropicaes.

Não tenho eu auctoridade para falar sobre as probabilidades agricolas do planalto; mas tem-a a Repartição Superior de Agricultura de Angola que pela voz do seu Chefe afirmou na tão debatida questão cerealifera do planalto, quando se refere ao trigo: «que para obter as produções de trigo de Portugal é sufficiente metade da semente e ás vezes um terço da que se emprega na metropole, pois são comuns 20 e 30 sementes, não são raras 40 a 50 e por vezes até 60 em culturas de superficie apreciavel.» Diz o mesmo funcionario: «O trigo já entrou em cultura regular no planalto de Benguela (Bié-Huambo e Caconda) e Huilla; a proporção da area cultivada para aquella que seguramente se pôde adaptar ao mesmo fim é de 1.100, embora esta cultura por ora exija como metodo indispensavel a rega. Esta area orça por 2 vezes a

de Portugal, mas pôde duplicar-se, estendendo a cultura a todos os planaltos das 2 vertentes do alto e medio Cuanza e mesmo triplicar indo a outras bacias hidrograficas buscar regiões analogas, como podem considerar-se as vertentes dos cursos superiores do Cunene, Catumbela, talvez Cuango, Zadi-Inquissi, Cuando, Cubando, Cassai, Zambeze e seus afluentes».

Quem conheça o planalto e conheça tambem a historia da produção cerealifera da Argentina não pôde fugir a fazer o seu confronto. E' claro que o valor das terras do planalto não tem os 50 e 80 centímetros de humus de algumas das regiões da Argentina (1); mas apesar disso o planalto produz entre 700 a 1.000 quilos de trigo por hectare, conforme a afirmação da Direcção Superior da Agricultura de Angola, equiparando-se assim á produção do Pampa da Argentina que segundo o mesmo viajante, produziu em 1908-1909 uma media de 724 kilos por hectare (2). Em Portugal a media de produção é de 1.000 litros por hectare. E ainda para a semelhança ser maior: lá como no planalto, ha o flagelo das geadas e dos gafanhotos e nalguns pontos é precisa a irrigação, porque só chove durante 50 a 60 dias, quando chove. Pois bem, apesar desses contras a produção de trigo hoje no Pampa é enorme. E' porque, a não ser nos terrenos de aluvião, a cultura é extensiva, empregando-se nela toda a maquinaria moderna a ponto de haver familias que cultivam 150 hectares e mais.

As terras do planalto nos seus componentes quimicos não diferem muito das de Portugal, como se poderá vêr

(1).—Jules Huret—De Buenos-Aires au Grand Chaco.—pag. 451.

(2).—Ibidem—pag. 471.

pelos mapas finais, exceptuando a cal que, como todos sabem, no planalto escasseia muito.

O problema do planalto é vasto, vastissimo, pois que muitos são os aspectos por que ele pôde ser encarado e que se relacionam com a sua colonisação. Muito haveria ainda a dizer sobre a sua nosologia comparada e mesmo o seu aspecto meteorologico não foi por completo tratado neste trabalho, pois nem referencias fiz ao regimen dos ventos, das aguas meteoricas e subterraneas, evaporação, trovoadas, etc., devido a já o ter feito, e com certas minucias, na memoria que enviei (3) ao ultimo Congresso Colonial e que foi publicada, como disse, no Boleim da Sociedade de Geografia, de Junho de 1905, e por que não quiz fugir ao santo e senha que recebi—a *concisão*—que me foi dada por quem de direito; mas, repito, isso não influe nas conclusões a que cheguei. Terminei fazendo votos para que:

1.º—Nesta fase de renovação por que está passando a provincia de Angola se pense a sério e se efective num prazo curto a colonisação dos seus planaltos e

2.º—Para que o governo da provincia remodele, intensificando-os, os seus serviços meteorologicos de modo a satisfazerem o fim para que foram criados.

Lisboa. Fevereiro de 1924.

A. Bernardino Roque  
Medico-colonial

(3).—De Mossamedes.

Nota da Redação.—O presente trabalho é acompanhado de varios mapas e gráficos, muito interessantes e elucidativos, cuja publicação nos não é possível. Não deixamos no entanto de apresentar o mapa comparativo dos climas de Angola e da Metropole, pelo interesse especial que tem.

# Santos Machado & C.<sup>a</sup>, L.<sup>da</sup>

Comissões e consignações

Importadores e Exportadores para Africa e Brazil. Representantes dos principais centros  
fabris, nacionais e estrangeiros

Rua do Bomjardim, 345

PORTO --- (PORTUGAL)

Endereço telegrafico: SAMALI — Telefone, 2482

Agencias em:

CABO VERDE -- Praia, S. Vicente e Ilha do Fogo. -- GUINÉ -- Bissau e Bolama. -- S. THOMÉ E  
PRINCIPE -- S. Thomé. -- ANGOLA -- Loanda, Ambriz, Malange, Benguela, Mossamedes e Sá da  
Bandeira (Lubango). -- AFRICA ORIENTAL -- LOURENÇO MARQUES -- Manjaca.

Aceitam agentes onde não os tiverem.

# Mapa comparativo dos elementos meteorologicos para a apreciação dos climas de Portugal e Angola

O SEU MOTOR EXIGE Spidoleine o óleo que lubrifica

LOCALIDADES		Médias mensais das temperaturas em graus centígrados			Media das temperaturas em graus centígrados (mensais)		Variação da tensão do vapor de agua		Humidade relativa em %		OBSERVAÇÕES	
Observatorios	Altitude Metros	Máxima absoluta anual	Mínima absoluta anual	Amplitude	Máximas	Mínimas	Amplitude	Variação obtida entre a media mensal maxima e a media mensal minima em mm.		Oscillação annual		
								Máxima	Mínima	Máxima		Mínima
Montalegre .....	1.027	34,2 Agosto	-8, Janeiro	42,2	17,9 Agosto	1,5 Dezembro	16,4	9,4 Agosto	4,7 Fevereiro	90,4 Dezembro	50,3 Agosto	Apresento este mapa porque da comparação dos dados meteorologicos de Portugal e Angola, sobretudo das localidades do plano-to, resalta bem a bene-gnidade do clima deste.
Moncorvo .....	415	33,1 »	1,2 Dezembro	31,9	25, »	6, Janeiro	19,	12,1 Julho	6,7 Janeiro	90,6 Janeiro	47,5 »	
Porto .....	100	33,2 »	1, »	33,2	20,7 »	7,8 Dezembro	12,9	15,2 »	6,8 »	84,2 Dezembro	73,2 Abril	
Guarda .....	1 039	34,4 »	-6, Janeiro	40,4	0, »	2,1 »	17,9	9,3 »	4,6 Fevereiro	90,5 »	45,9 Agosto	
Serra da Estrela ..	1.216	32,4 »	-6,1 Dezembro	38,5	19,4 »	0,1 »	19,3	8,9 »	4,2 Dezembro	91,5 »	49,8 »	
Coimbra .....	140	38,6 »	-0,8 »	39,4	21,2 »	8, »	13,2	12,8 »	6,7 Fevereiro	87,3 »	65,5 Abril	
Campo Maior .....	288	41,2 »	1, Janeiro e Dezembro	40,2	25,6 »	7, »	18,6	11,7 Agosto	5,9 »	82,5 »	40,2 Julho	
Vila Fernando ..	288	40,1 »	-5, Dezembro	48,1	25, »	6,6 »	18,4	10,5 Junho	6,7 Janeiro	83,3 »	37,7 Agosto	
Lisboa .....	95	37,2 »	2,8 Janeiro	34,6	22,6 »	9,9 »	12,7	11,8 Agosto	7, Fevereiro	81,3 »	55,1 Abril	
Evora .....	313	39, »	0,1 Dezembro	39,1	24,2 »	8,7 »	15,5	16,2 »	7,4 Dezembro	85,8 Janeiro	51,7 Julho	
Beja .....	284	38,5 »	0, »	38,5	23,8 »	7,8 »	16,	10,5 Julho	6, »	83,3 Dezembro	44,6 Agosto	
Lagos .....	13	35,4 Junho	1, Novembro	24,4	24,3 »	11,2 »	13,1	13,6 »	7,5 »	74,4 Janeiro	51,7 »	
Faro .....	14	34, Julho	4,3 Dezembro	29,7	24,9 »	11,2 »	13,7	14,5 Agosto	8,1 »	78,6 Dezembro	60,5 »	
A. Humpata .....	1.800	28, Fevereiro	0, Julho	28,	25, Janeiro	3,9 Julho	21,1	9,8 Abril	3,2 Junho e Julho	63, Abril	22, Junho, Ju- lho, Out. Setembro	
Lubango .....	1.700	29,2 Outubro	2,5 Junho	26,6	27, Outubro	5,7 Junho	21,3	14,5 »	6,6 Dez. (?)	71, »	35, Setembro	
Chibia .....	1.515	34, »	0, Julho	34,	30,3 Setembro e Outubro	3,5 »	26,8	14, Novembro	4,3 Julho	74, »	25, Julho	
Bié .....	1.682	31,7 Fevereiro	0,9 Junho	30,8	29,2 Outubro	6,7 »	22,5	12,6 Dezembro	5,3 Julho e Agosto	78, Novembro	29, »	
Huambo .....	1.759	32,2 Outubro	0,5 »	31,7	29,3 »	6,2 »	23,1	15,5 Fevereiro	4,8 Agosto	73, Fevereiro e Março	25, Agosto	
Malange .....	1.151	39,5 Setembro	9, Julho	30,5	31,8 Dezembro	14,1 Julho	17,7	16,3 Maio	—	85, Dezembro	64, Julho	
Mossamedes .....	20	31, Maio	12,5 Junho	18,5	27,8 Abril	15,2 »	12,6	21,8 Abril	12, Julho	90, Setembro e Julho	78, Fevereiro	
B. dos Tigres .....	—	35, »	9, Agosto	25,5	27,8 »	12,7 Agosto e	15,1	20,3 »	4, Agosto	97, Junho	90, Abril e Out- ubro	
Loanda .....	59	31,2 Abril	16,5 »	14,7	29,2 »	18,4 Agosto	10,8	20,8 »	15, »	86, Maio	77,8 Fevereiro	
Ambrirete .....	—	36, Maio e Ju- nho	12,9 »	23,1	30,7 Dezembro	19,9 »	10,8	23,7 Fevereiro	16,1 »	84, Janeiro	73, Outubro	
S. Salvador Congo.	562	31,2 Janeiro e Março	13,4 Junho	17,8	28,7 Abril	16, Julho	12,7	20, Janeiro	14,4 Julho	88, Fevereiro	75, Setembro	Estes elementos foram colhidos nos anais meteorologicos das colonias.



# Moçambique

## COMPANHIA DE MOÇAMBIQUE

A propósito dum telegrama recebido dos Territórios de Manica e Sofala, cuja administração pertence, desde 1891, á «Companhia de Moçambique», fizemos aqui algumas breves considerações, exclusivamente ditadas pelo sincero desejo que temos de ver sempre progressiva a vida das nossas colonias, sem embaraços nem atritos que lhe tolham a evolução.

Hoje, com mais seguros elementos, vamos historiar os factos, procurando analisá-los com a imparcialidade que sempre pômos nas nossas críticas.

Para o dia 11 de Outubro passado, foi convocado o Congresso Anual das classes Comercial e Agrícola dos Territórios.

De passagem diremos que, em nossa opinião, tais congressos, quando realizados com elevação e adentro da ordem, inspirados por interesses legítimos e isentos de reservadas intenções duma politica malsã, além de representarem uma clara manifestação de vitalidade, devem constituir valiosas fontes de subsidios úteis e de directivas a atender para a acção administrativa, pela exteriorisação das aspirações colectivas, das quais nunca deve alheiar-se o espirito daqueles a quem estão entregues funções de governo.

Como nesse Congresso houvesse que estudar e resolver sobre várias reclamações que a população, já de ha tempos, vinha apresentando, fizeram as classes produtoras dos Territórios distribuir um manifesto, de que extractamos os seguintes periodos:

*E' do conhecimento de todos que as classes Comercial e Agrícola deste Território, se reúnem amanhã 11, no seu Congresso anual, para discutirem e resolverem sobre varias questões públicas que affectam essas classes e a população em geral. Muitissimo é de extranhar, e chega mesmo a não ter explicação racional, o facto espantoso de ter a população d'esta cidade tantos agravos a derimir e tão pezado fardo de imposições a sacudir dos hombros, e não tenha até este momento resolvido reunir-se para discus-*

*tir as questões gravissimas que a affectam, e tomar sobre essas questões uma attitude resoluta e definitiva.*

*Estamos sem Camara Municipal; estamos sem Hospital que esse nome mereça; estamos sem abastecimento d'aguas; estamos sem medidas hygienicas de protecção contra a investida de qualquer moléstia; estamos com os focos de infecção do acampamento e hospital indigenas dentro da cidade: estamos sem serviços d'incendios; estamos a braços com um incrível desprezo, cada vez mais grave, dos nossos direitos de municipios, de contribuintes e de cidadãos livres; estamos enfim vergados ao peso d'uma lei de selo que a despeito dos vehementes protestos do commercio, encerrando por três dias as suas portas, e do publico em geral, não houve forma de fazer recuar a Companhia em face de determinação tão espantosa mente lesiva e inoportuna!*

*Toda a casta de lei ou regulamento se publica e a sua execução se exige; todos os problemas publicos são resolvidos sem consulta nem o mais ligeiro respeito pela opinião do povo, que só é chamado para pagar e cumprir submisso, não se lhe consentindo que levante a voz, nem mesmo pelas vias mais ordeiras e pacificas faça sentir a injustiça e a iniquidade do tratamento que para com elle tem havido.*

Rialisou-se o Congresso; estamos certos de que o deve ter animado constantemente uma grande resolução; devem-se ter produzido protestos veementes; porventura terá ressumado nas frases proferidas, a revolta que ali reunia aquelas centenas de homens.

No entanto, não nos dizem as informações que recebemos, que a manifestação tenha revestido qualquer feição contrária á ordem e ao respeito pela autoridade, que nós seriamos os primeiros a condenar, pois entendemos que as aspirações legítimas se não defendem com desordens, e que é na mais completa disciplina e adentro do mais absoluto culto pelo prin-

cipio da autoridade, que as questões de direito devem ser derimidas.

Não obstante ter sido assim, dizianos o telegrama que publicámos e confirmam as informações que posteriormente recebemos, que se pretendeu fazer intervir a força, representada por um contingente de praças indigenas. Lamentavel resolução.

Mesmo que essa intervenção não fosse feita pela forma que foi, entregando a função repressiva da autoridade a indigenas, nós lembrando quantos graves conflitos se têm originado numa inoportuna manifestação de força, a reprovaríamos, visto que como inoportuna a consideramos, em presença do que sabemos e passamos a expôr.

Em 15 de Outubro, isto é, quatro dias depois da reunião do Congresso, publicou o Boletim Oficial a seguinte ordem:

Sendo necessário proceder a um cuidado estudo da legislação em vigor, no Território, sobre Trabalho Indígena, Concessões de Terrenos, Direitos Aduaneiros sobre a exportação do milho, Imposto do Sêlo e Regimen Monetário estabelecido pela Ordem n.º 4668, a fim de a substituir ou modificar de harmonia com as condições do meio e da época;

Sendo conveniente remodelar os serviços municipais da Beira, em vista do actual desenvolvimento da cidade;

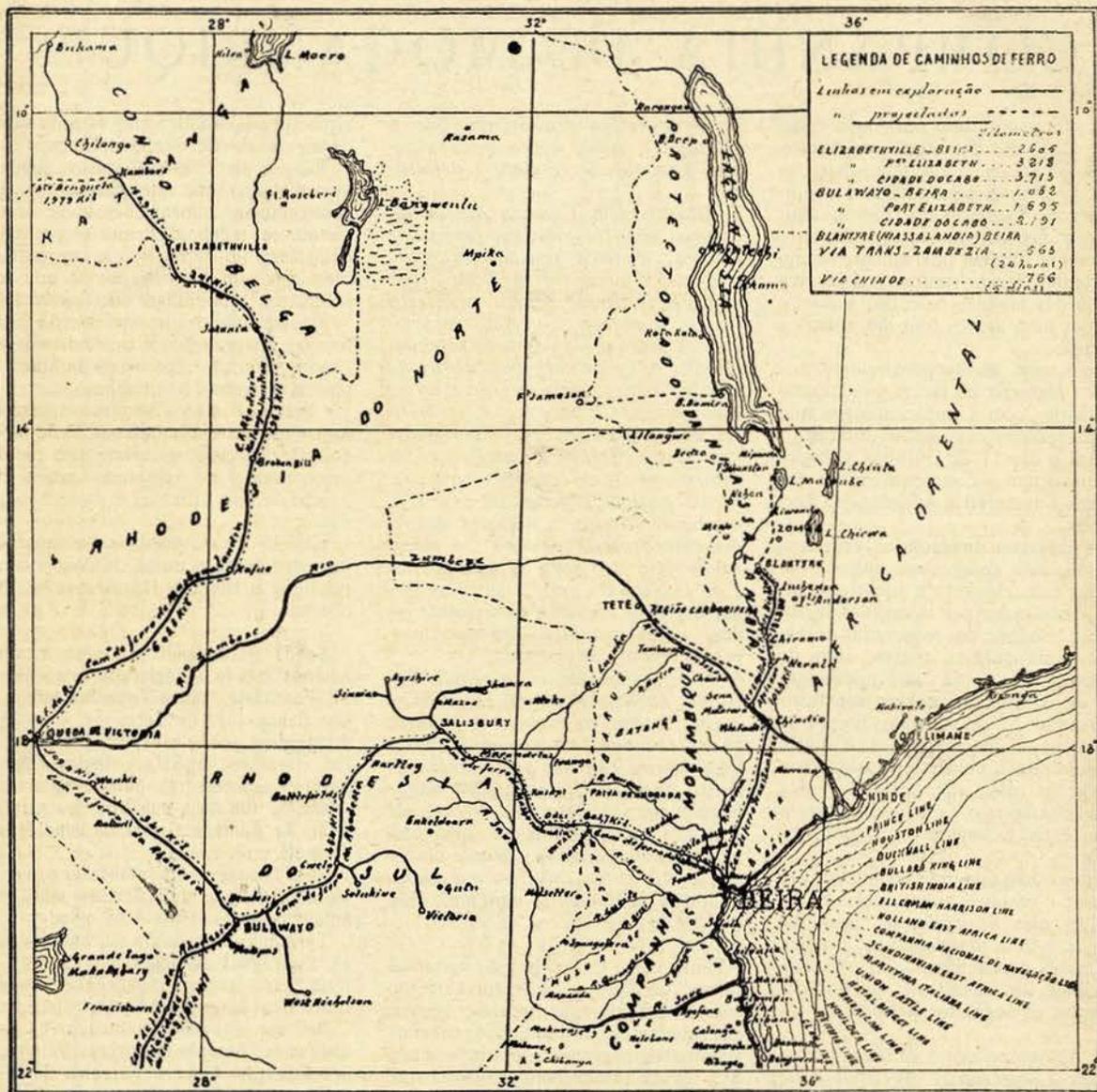
Tornando-se urgente dar satisfação ás aspirações da população do Território para serem representadas na Junta Consultiva de Administração:

Hei por conveniente nomear os cidadãos dr. António Gonçalves Videira, dr. Eduardo Alberto Ferreira de Almeida, José Duarte Junqueira Rato, José Fernandes Caeiro, José Oliveira da Silva e Mateus Domingues Gomes Peres, constituidos em comissão sob a presidencia dum sétimo individuo de sua escolha—o qual terá também voto para desempate—estudarem os assuntos acima referidos e, no mais curto praso de tempo, proporem a este Governo as medidas que tiverem por uteis. A comissão reunirá na Sala das Sessões da Junta Consultiva,

# Companhia de Moçambique

## Comunicações Ferro-Viarias — BEIRA

Porto dos territorios da Companhia de Moçambique e o principal da Rhodesia do Norte e do Sul-Katanga Belga. — Protectorado da Niassalandia e vale do Zambeze



### Exportação de milho da Beira

Durante o ano de 1923 foram exportados pelo porto da Beira 1.250.000 sacas de milho. Desse numero 797.000 sacos provinham da Rhodesia e 387.000 do territorio da Companhia de Moçambique. Estes importantes embarques indicam que a Beira está mantendo a sua posição de segundo porto cerealifero da Africa meridional e oriental

a primeira vez no dia 16 de Outubro corrente, pelas 16 horas, e as mais nos dias e horas que resolver.

As autoridades e mais pessoas a quem o conhecimento desta competir, assim o entendam e cumpram.

Secretaria Geral do Governo do Território da Companhia de Moçambique, na Beira, 15 de Outubro de 1924.

O Governador

Pedro Francisco Massano d' Amorim

Ora sabendo-se que o Governo dos Territórios de Manica e Sofala está entregue ao Sr. Massano de Amorim, cujo animo, temperado em brilhantes acções coloniais, nunca cederia em presença dum acto violento ou duma demonstração de desordem, o mesmo é que saber-se que não foi por uma atitude agressiva ou, sequer, menos respeitosa que a população dos Territórios conseguiu a reconsideração que transparece no documento que transcrevemos, o qual constituindo uma prova irrefutável da legitimidade dos protestos apresentados, envolve ainda o reconhecimento de que os protestantes pela sua atitude não mereceram repressão.

Se nos fosse dado pôr em duvida a veracidade das informações que colhemos, bastaria a solução dada ao incidente por parte do sr. Governador, para nos mostrar que aos protestantes não pode ser atribuído qualquer acto fóra da mais completa compostura e correcção.

Sobre a legitimidade e os fundamentos das reclamações que se apresentaram, não permitem duvidas os elucidativos considerando que precedem a ordem que transcrevemos.

Por eles se reconhece que da legislação em vigor, nem toda é conforme com as condições do meio e da época, e que os serviços municipais da Beira, estão longe de corresponder ao actual desenvolvimento da cidade e muito mais áquele que é justo desejar e prever que ela venha a adquirir. Da leitura desses considerando resalta ainda que o Governo que os ditou, não previa sequer a hipótese de serem reconhecidas como boas as disposições legais contra que se reclamava, visto que com o fim de as substituir ou modificar se ordenava o seu estudo.

Assente pois, que a população do território, pretendendo reclamar sobre disposições de leis e de regulamentos que em documento official claramente se apresentam como pouco harmonicas com as actuais condições do meio e da época, o fez adentro da ordem e sem quebra de respeito, como explicaremos a atitude, de começo, tomada pelo Governo?

Da íria analise que fizemos dos factos, reconstituídos sobretudo pela prova documental, resulta para nós a convicção de que entre a população dos territorios da Companhia de Moçambique e o seu Governo ha permanentemente um mal entendido que é mister desfazer, a bem do progresso daquelas ricas regiões.



O que se poderia chamar o distrito de Manica e Sofala, é diferente de todos os outros distritos da Provincia; o seu governo é cheio de dificuldades, que resultam da propria forma da sua administração; ali o governador tem de atender simultaneamente aos naturais interesses comerciais da Companhia que representa, e aos legítimos direitos da população. Desta dualidade resulta a necessidade de um senso especial a adoptar na governação; e da quebra do justo equilibrio entre os dois factores, nascem os embaraços e atritos que por vezes se registam na vida do territorio.

E' indispensavel que tal equilibrio se mantenha, e para isso é condição essencial que o governo e a popula-

ção tenham a confiança mutua e trabalhem num perfeito acôrdo e na possível unidade de vistas.

E' necessario que as classes produtoras do territorio sejam consideradas pelo governo como força cujo valor, longe de ser desprezado, deve ser chamado a cooperar na valorização daquelas terras.

Reconhecidos e respeitados os direitos da população, como o foram agora, nunca ao governo faltarão os meios de a chamar ao cumprimento dos seus deveres, se porventura alguma vez deles se esquecer.

Se a resolução agora tomada pelo governo do territorio — de mandar proceder ao estudo que á população interessa — o tivesse sido antes de se originar a agitação que se desenhou, revestiria um aspecto diferente daquele que lhe poderá ser atribuído, sobretudo dados os factos que se passaram, e certamente produziria na população um movimento de simpatia pelo governo e de confiança na sua acção, sem as quais será difficil a paz adentro do territorio.

Existisse essa confiança e não se teria dado o lamentavel facto de a população pedir a intervenção do representante do Governo Central na Beira.

Sem esquecermos o respeito que devemos ao sr. Massano de Amorim, que pelo seu passado militar e colonial se impõe á nossa veneração, não deixaremos de dizer que S. Ex.<sup>a</sup> no seu Governo, esqueceu por momentos as condições do meio e da época, em função das quais resolveu depois moldar a administração que lhe está entregue.

Esperamos que o desagradavel incidente será liquidado sem desdouro para ninguem, e confiamos em que de futuro, todos os esforços se conjugarão no sentido de valorisar ao maximo os territorios de Manica e Sofala, como convem á Companhia que os usufrue, e á população que neles trabalha.

Quando as febres palustres deixam de obedecer ao quinino, deve empregar-se a «Paludina», que dá excellentes resultados nas febres palustres, biliosas e perniciosas. Pedir instruções a «Sanitas» — T. Carmo, 1 — Lisboa.

## Seromenho, Silveira & Carvalho, L.<sup>DA</sup>

Codes: A. B. C. 5.eme Edition et BENTLEY'S

Especialidade em conservas de peixe  
Fabricas nos melhores sitios de pesca  
Fabricações esmeradas

Calçada de S. Francisco, 23, 2.º

LISBONNE

Especialité en conserves de poissons  
Usines sur les lieux de pesche  
Qualité choisée

Telegramas: SOSICAR—LISBONNE

Specility preserved fish  
Factories on the best fishing spo  
Highest quality

# Iniciativas nos territorios de Manica e Sofala

## A Companhia Agricola da Beira

ENTRE as iniciativas do Territorio da Companhia de Moçambique é, certamente, uma das mais interessantes já pela sua grandeza, já pela actividade que

tem e, indigena mais de 1000 braços, dispõe de um capital de £350.000 e dedica-se tanto á agricultura como á industria, tendo já á estima de todos quantos se

Junto da foz do Rio Savane, cerca de 29 kilometros ao norte da Beira instalou a Companhia Agricola da Beira uma fabrica de extractos tanantes para exploração das imensas florestas de mangal da sua concessão.

Esta concessão que é limitada ao sul pelo Rio Savane e ao norte pelo Rio Mupa estende-se cerca de uns 150 kilometros ao longo da costa em que se desenvolvem as florestas de mangal, reservas inexgotaveis da casca tanante, materia prima que a fabrica consome.

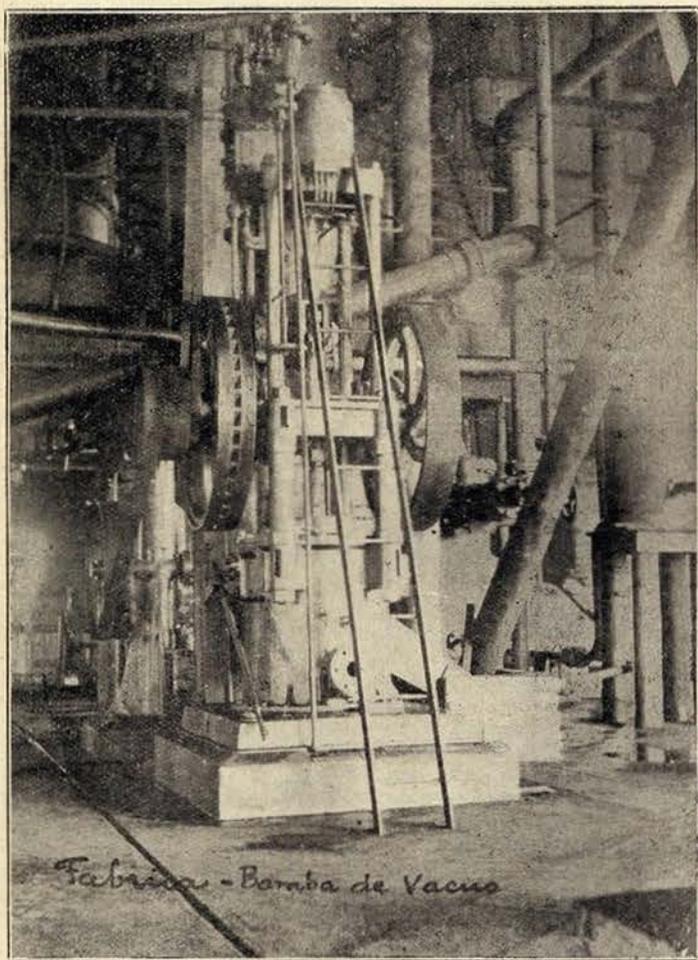
A fabrica do Savane apetrechada segundo todos os principios da moderna industria dos extractos tanantes tem uma capacidade de produção annual de 3.500 toneladas de extracto.

Este producto estimado pela sua alta percentagem tânica que o torna o mais barato dos extractos similares por unidade de tanino, tem hoje o seu mais vasto mercado na Alemanha donde é drenado para a Finlândia e Russia

A America, China e Japão são tambem importantes mercados consumidores.

Preparado sob o controle tecnico de um engenheiro quimico dispondo de um laboratorio de analises e pesquisas utensiliado com o mais moderno material, o extracto manufacturado pela Companhia Agricola da Beira responde a todos os requisitos dos productos *sui generis*, tendo sobre eles as vantagens da sua alta percentagem de tanino, perfeita solubilidade na agua e o seu preço de concorrência.

Uma linha ferrea Décauville que conta hoje cerca de 25 kilometros drena a materia prima desde as florestas até á fabrica.



FABRICA DE SAVANE — A bomba do vacuo

desenvolve, já pelo capital empregado, a da Companhia Agricola da Beira.

Esta importante empreza que ocupa entre pessoal europeu, asia-

interessam pelo florescimento e progresso das grandes iniciativas portuguesas, porquanto são genuinamente portugueses a sua administração e capitais.



A FABRICA DO SAVANE

Junto desta industria creou a Companhia Agricola da Beira a do sabão, serração de madeiras, fabrico de tijolo e de carvão vegetal!

A região do Savane provida de abundante agua para usos industriais e reservas imensas de lenha, é já hoje um interessante centro de actividade, completado com as confortaveis habitações dos seus empregados e provido de iluminação electrica que uma pequena central privativa da C. A. B. produz.

As fornalhas das suas industrias consomem cerca de 40 metros cubicos de lenha por dia. As suas maquinas devoram mais de 20 toneladas de casca de mangal em 24 horas.

\*  
\* \*

Não menos interessante é o aspecto da Companhia Agricola da Beira encarada sob o ponto de vista agricola.

As suas vastissimas propriedades de Chimoio e Vila Machado são modelares. A Companhia Agricola da Beira dispõe hoje de uma superficie destroncada de mais de 1000 hectares que todos os anos se convertem em vastos campos de milho, algodão, feijão e amendoim.

A sua colheita do ultimo ano

elevou-se a mais de 17.500 sacos de milho.

Além do seu modernissimo material de agricultura, a Companhia Agricola da Beira tem como industrias complementares da sua actividade agricola, uma fabrica de descaroçamento e prensagem de algodão e uma moagem de milho, ambas instaladas nos seus esplendidos armazens de Vila Pery.

Pela largueza das suas vistas e planos, e pelos valiosos elementos de progresso de que dispõe, a Companhia Agricola da Beira é, sem duvida alguma, uma iniciativa destinada a prospero futuro, sendo-nos grato constatar que a actividade portuguesa não é, como muitos pretendem, letra morta.



FABRICA DO SAVANE - Oficina de desintegração da casca

# Companhia Agricola da Beira

Capital £ 350.000

SEDE  
RUA DO CRUCIFIXO, 16, 2.º  
LISBOA

ADMINISTRAÇÃO EM AFRICA  
BEIRA  
Caixa Postal 162  
Africa Oriental Portuguesa

Endereço Telegrafico - AGRIBEI

O SEU MOTOR EXIGE **Spidolêine** O OLEO QUE LUBRIFICA

# PARCERIA DOS VAPORES LISBONENSES

(Arrendatária das docas e oficinas do Porto de Lisboa)

Serviço permanente de reboques, salvamentos de navios e transportes fluviais de passageiros, bagagens e carga;

Aluguel de cábreas e outros aparelhos de força.

Trabalhos de sondagens e de mergulhadores.

Reparações de navios; limpezas, picagens (manual e a ar comprimido) e pinturas interiores, de costados e de fundos.

Pequenas construções navais (rebocadores, lanchas, batelões, salva-vidas, etc.).

Demais trabalhos navais de todas as especiali-

dades metalúrgicas, de soldadura, de carpintaria de branco e de machado, de calafetos, etc.

Montagens e reparações de instalações electricas a bordo.

Obras hydraulicas.

Fornecem-se:

- a) Indicações técnicas, orçamentos e planos.
- b) Materiais para todas as obras e trabalhos referidos.
- c) Dispositivos especiais para embarcações destinadas ao serviço colonial.
- d) Tintas próprias para climas e águas tropicais.

Administração Central: — Cais do Sodré — LISBOA

Telefones | C. 1926 | Administração e serviço de transportes  
| C. 2992 |  
| C. 1588 | Oficinas, docas e obras

Endereço telegrafico:

"DRYDOCKS,,"

# A CONSTRUTORA, L. DA

Capital realizado: 2.500.000\$00

Séde em LOBITO

CAIXA POSTAL N.º 10

Filial em BENGUELA

CAIXA POSTAL N.º 32

Delegação em LISBOA: Rua dos Fanqueiros, 235, 2.º-Esq.

Telefone n.º 2772

Telegramas | Rodrivalho — LISBOA  
| Construtora — LOBITO

GERENTES EM:

**AFRICA**

Sousa Lara & C.ª Ld.  
Joaquim Duarte

**LISBOA**

José odrigues de Carvalho  
Mariano Machado

Deposito de materiais no Lobito e Benguela

*Encarregue-se de construções no Lobito e ao longo do Caminho de Ferro desde o Lobito até ao Bié (Silva Porto) Kilometro 627*



# Macau

## Necessidades de Macau em relação ao seu novo porto artificial

COMO tem sido noticiado, as obras dos portos de Macau visam a dois fins principais, quanto a navegação: os melhoramentos que vinham sendo julgados necessários em relação á navegação fluvial que constitue actualmente a vida flutuante desta colonia, e o estabelecimento do porto artificial para servir a transatlânticos de média tonelagem, sendo tudo isto acompanhado de uma larga conquista de terrenos á custa dos produtos de dragagem. O primeiro objectivo está, pode-se dizer, realizado, e o segundo deve-o estar dentro de dois anos; ambos reclamam medidas administrativas e politicas especiais e melhoramentos complementares, sem o que se não podem obter os efeitos desejados destas importantes obras.

O que se segue representa um simples resumo do que complementarmente se torna requerido e sobre que mais devem ser fixadas atenções ou haver resoluções imediatas; muito do que ha a fazer, neste sentido, não representa novidade, mas é agora posto mais em foco, principalmente com o acabamento das obras principais do porto artificial.

**Sistema administrativo da exploração dos portos** — E' de urgencia assentar sobre as bases desta administração, porque do sistema adoptado depende a resolução de muitas questões da exploração, tais como as que dizem respeito a relações comerciais, concessões dos terrenos dos portos, equipamento, etc.

Ha mais de um ano que este importante assunto foi considerado na colonia, ficando a resolução dependente das instancias superiores do Governo da metropole. Os jornais deram já noticia de que o Governo está prestando atenção a este assunto e logo que sejam definidas as bases da administração, haverá que estabelecer o regulamento geral a adoptar,

naturalmente com caracter provisório.

**Abastecimento de aguas** — Este abastecimento diz respeito a agua potavel, agua para usos industriais e para fins municipais, para a cidade e para o porto. Este abastecimento é posto agora mais em evidencia; sem um largo plano, neste genero, não ha possibilidade de grandes desenvolvimentos da cidade e do porto. O problema tem vindo sendo tratado com mais persistencia nestes ultimos cinco anos, e ultimamente foram reconhecidas mais largas possibilidades, chegando-se a assentar na sua realização imediata e comercialização por meio de uma Companhia propria. Em qualquer hipótese o porto deve ter garantido o seu abastecimento especial, recorrendo-se ás ilhas adjacentes, se necessario fór.

**Central electrica** — Convem estabelecer uma central electrica, para a cidade e porto, servindo a todos os usos. A actual Companhia de electricidade tem o exclusivo da luz electrica nos terrenos da cidade, até 1936; tem ela a pretensão de que os novos terrenos do porto são também abrangidos no seu exclusivo e isso obsta a que concorra para o estabelecimento de uma tal central, o que poderia fazer em melhores condições do que qualquer outra empresa. E' de urgencia resolver-se este assunto, de um modo geral e atendendo também ao provavel desenvolvimento das industrias, á viação electrica e ao equipamento do porto.

**Outros melhoramentos de ordem material** — Resolvida que seja a questão da exploração do porto, ha que cuidar do edificio para funcionamento da respectiva direcção; já se pensou nas necessidades de uma administração feita a par da da capitania dos portos, mas o orçamento do edificio elevou-se a \$ 100.000 e foi julgada prematura, então, a sua construção.

Os serviços do Correio, que tanto interessam ao porto, precisam também de uma apropriada instalação; a construção de um bom hotel, é também de todo o interesse e ambos estes ultimos melhoramentos estavam bem encaminhados em meados deste ano.

**Questões economicas e financeiras** — Embora toda a possivel autonomia se dê á administração do porto, a sua vida economico-financeira não pode deixar de reflectir a vida geral da colonia. Vão passadas as grandezas financeiras da colonia resultantes dos rendimentos dos exclusivos; e as despesas ordinarias, que tem vindo crescendo desde 1912, terão certamente de ser reduzidas, sem que tal signifique redução de vencimentos em geral, sobretudo no funcionalismo subalterno. Mas ha a contar com muito provaveis desenvolvimentos economicos, pelo aumento de população e seu emprego em industrias e comercio, pelo maior trafego, pelas concessões de terrenos, etc. O porto poderá viver com os seus recursos naturais, mas não poderá talvez suprir deficiencias da administração geral, durante bastante tempo. O aumento de receitas por meio de novas contribuições é assunto muito melindroso.

**Segurança publica e maritima.** — E' a segurança da colonia um das principais bases do desenvolvimento a esperar; sendo, porem, para considerar que vae passando a epoca de lutas politicas na China, que aconselhavam o estacionamento de mais importantes forças terrestres, basta porisso dentro de pouco tempo só cuidar do policiamento propriamente dito e não descurar as necessidades de defeza, contra os chamados golpes de mão. E' provavel que as milicias bem organizadas possam substituir parte dos effectivos actuais das forças terrestres.

A policia maritima e a nossa representação naval no Extremo Oriente

é que em vez de reduções necessitam de mais largo desenvolvimento, sem grande prejuizo da economia, desde que se atenda a que o elemento nativo, mais barato e tambem valioso, é muito para considerar nas reformas deste genero. Todo este assunto reveste-se mais do caracter politico do que propriamente do de ordem tecnica, ou, quando menos, aquele está ao par deste.

**Funcionalismo**—E' preciso tambem revêr o que diz respeito ás necessidades de ordem burocratica; as bases são ainda: o maior aproveitamento possivel do elemento nativo, e quanto ao elemento metropolitano, a melhor escolha tornando como premio de servicos a colocação em Macau, fóra de toda a consideração de politica partidaria. O funcionalismo superior de Macau merece uma atenção especial, devendo ser modelar, unido no elevado empenho das prosperidades da colonia, impondo-se ao respeito absoluto do elemento estrangeiro que circunda e constitue principalmente a população de Macau.

**Propaganda e turismo**—Com o estabelecimento do pórtio torna-se mais evidente a necessidade de tratar da boa propaganda de Macau que mal conhecido é, até de Portugal.

Macau, pelo seu clima, pelas suas belezas naturais, tem atrativos que é necessario divulgar, chamando forasteiros; o seu novo porto deve ser anunciado por uma forma scientifica. Nos orçamentos das obras dos portos já figura uma verba para o anuncio, nas suas variadas formas, e alguma cousa se tem feito, atravez de dificuldades por falta de pessoal; um programa de assuntos de propaganda foi elaborado pela direcção das obras dos portos, e já anteriormente tinha sido organizada uma comissão de turismo, de efemera duração; é preciso fazer reviver esta e efectivar a propaganda, embora moderadamente. Com esta ultima se relaciona muito o estudo propriamente economico do trafego, que merece muito carinho. A feira anual, o desenvolvimento do desporto, as corridas de cavalos, os melhoramentos de caracter higienico, devem merecer atenção especial, a par da cessação do jogo, pelo menos do que na sua forma mais repugnante se pratica

ainda na colonia; o jogo é inimigo de legitimas actividades.

**As comunicações terrestres e maritimas**—Com o estabelecimento do porto, longe de afrouxarem, devem desenvolver-se as comunicações com Hong-Kong tornando-se portanto necessario cuidar do seu melhoramento, em velocidade sobretudo; o mesmo se deve pensar com respeito a outros portos, chinezes.

A viação acelerada para o interior poderá começar pela camionagem para Seaki. A telefonia para esta cidade é tambem de grande interesse; o estabelecimento de T. S. F. para fins comerciais do porto é absolutamente necessario, embora não seja privativo do porto; é provavel que a instalação que ultimamente foi feita para *board casting* sirva a este fim.

**Relações comerciais com a Metropole; Carreira de navegação nacional.**—Constituem estes assuntos, interessantes aspectos do Macau que renasce; Macau foi entreposto de mercadorias em relação á metropole, antes do estabelecimento de Hong-Kong, e hoje o indice comercial de Portugal com a China está abaixo do de pequenas nações que não tem colonias no extremo oriente; tudo justifica a tentativa, feita em boas bases, de se reconstituir quanto possivel o que foi no passado, agora em relação ás modernas exigencias, a respeito de relações comerciais com a metropole, sob a bandeira nacional.

**As boas relações com Hong-Kong e a região de NO.**—A base principal das prosperidades de Macau, não está no que propriamente seja de Macau e sim no que diz respeito á região que geografica e mais naturalmente depende da nossa colonia; o desenvolvimento industrial local, por mais prospero que seja, não justificaria as obras do porto; ha a contar principalmente com o trafego e passageiros da região que Macau deve servir. As boas relações comerciais e politicas, impõem-se mais acentuadamente agora do que dantes. A este respeito as missões do Padroado podem prestar tambem valiosos servicos; a difusão da lingua portuguesa é hoje mais necessaria do que nunca, politica e comercialmente.

**A delimitação da Colonia.**—Mais do que nunca se torna necessario rializá-la e com o estabelecimento do porto no lado exterior de Macau, tornou-se ela agora muito mais facil; não se deve pois perder qualquer oportunidade, que é provavel que se avizinhe com o acabamento das lutas politicas da China.

O que ha a fazer, como se vê, deve sobrelevar em esforços, em inteligencia e bom senso, tudo quanto ultimamente se tem feito relativamente ás obras dos portos; e sem este conjunto de elementos complementares, que acaba de ser esboçado, só imperfeitamente se poderão colher os resultados de tantos sacrificios; só assim se poderá valorisar á moderna e mais de conformidade com os interesses nacionais, este nosso valioso padrão de passadas glorias, conservado atravez de tanta vicissitude, apoio de uma colonia de portugueses tão importante e de tanta significação politica no Extremo Oriente.

HUGO C. DE LACERDA.

Fabrica de Agua Oxygenada  
**PEROXHYDRIL**



De todos a melhor

*L. B. Bandeira de Melo*

Escritório: Rua Augusta, 75-I.º

LISBOA

Telefone C.—2670 Telegramas—Algodão

Companhia Nacional  
DE  
**PRODUTOS COLONIAIS, L.ª**  
Rua dos Fanqueiros, 15—LISBOA  
Transações sobre cacau,  
café, cera, coconote e couros

**Luso-Colonial, Ltd.ª**

ROSSIO, 93, 3.º

LISBOA

Codigos { Ribeiro  
A. B. C. 5.ª Edição.

Tele { fone NORTE 812  
gramas MILABREU

**IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO**

VINHOS DE CONSUMO E LICOROS

CONSERVAS, GENEROS COLONIAIS

Dão REFERENCIAS BANCARIAS—Pedem correspondentes nas colonias portuguesas

Agentes nas principais praças europeias.

Sucursal em ANVERS. Longue Rue Neuve, 16

O SEU MOTOR EXIGE **Spidoléine** O DLEO QUE LUBRIFICA

# ARTE

RD. CARLOS AMARO : : : : :  
 LUIS MOITA : : : : :  
 JOSÉ AUGUSTO MELO VIEIRA

TEATRO — LITERATURA — MUSICA — PINTURA, ETC.

## A Lenda Vátua

E' noite  
 No Prado  
 Sobre o capim molhado  
 Ergue sua fronde um bahobat gigante,  
 E em confuso contorno além distante,  
 A serra a destacar no ceu nublado.

Subindo  
 Pelo ar  
 Em curvas a agitar  
 Atravéz da ramagem negrejante  
 Vae o fumo ondeando crepitante  
 Das fogueiras á roda a scintilar.

Correndo  
 No ceu  
 As nuvens como um veu  
 Vão perpassando em formas infernaes  
 De monstros alvacentos, colossaes,  
 Da lua a desmaiar o brilho seu.

Insectos  
 Cantando  
 O ar vão atroando,  
 Aqui, ali, além, muito distante  
 A hiena ri, e augmenta retumbante  
 O vozear estridulo, vibrando.

E os pretos  
 Sentados,  
 Mil casos já passados  
 Contam baixinho; ao centro dorme o  
 branco,  
 Descança a ressonar um somno franco;  
 Repete a soubra os gestos desmanca-  
 dos.

Silencio!  
 O leão  
 Ruge a em como um trovão  
 Ecoando no val e na montanha;  
 E tudo emudeceu á voz estranha,  
 E o negro a segredar, «senhor!, leão!»

Silencio!  
 E então  
 Dois ralos a canção  
 Começam a cantar baixinho e a medo  
 E outros a responder como em segredo,  
 E voltar o vozear e a vibração.

E o leão rugiu,  
 E o silencio de novo lhe seguiu.

Ao sol ardente na manhã seguinte,  
 A aringa mostra a verde palissada  
 De caveiras humanas enfeitada.  
 Brancos trofeus de negras hecatombes  
 A rir, a rir, a rir, da audacia ingente  
 Que o branco ali levava impunemente.

Vinham descendo além pelas encostas  
 Velozes, colossaes, aos mil, guerreiros  
 De azagaia e plumas, altaneiros.

E o chefe Gungunhana, o grande vatua  
 Na sua frente avançou, o olhar ardente  
 Dizendo pegar pé, mas insolente!

Vem seguido da negra multidão  
 Que avançou, avançou, cantando o In-  
 quaia

A brandir a rodela e a azagaia.

Um negro circulo rodeara o branco,  
 E um feiticeiro em gesto descomposto,  
 Cantou mostrando a hediondez do  
 1080

Ruge Pandoro  
 Fere azagaia  
 E o feiticeiro  
 Canta o Inquaia.

A hiena ri  
 Brame o chacal  
 Pandoro ruge  
 Por todo o val.

Ferir, ferir,  
 Matar, matar!  
 Sangue de branco,  
 Beber, sugar!

De Manicusse  
 Na sepultura  
 A jorros corre  
 Sangue e gordura (\*).

Lá no Chaimite  
 A voz se ouviu  
 Do Grão Muzilla  
 Dizer ao Rio...

Ao portuguez  
 Vae tu contar,  
 Que é fulminado  
 Se cá entrar.

Do Gungunhana  
 A força é tal  
 Que o branco morre  
 Se entrar no val.

Ferir, ferir!  
 Matar, matar,  
 Sangue de branco,  
 Beber, sugar!

Terras de Gaza  
 Se ele as pizar,  
 Basta feitiço  
 P'ra o fulminar!

Ferir, ferir!  
 Matar, matar,  
 Sangue de branco,  
 Beber, sugar!

Um coro horrípilento, rancoroso  
 Se ouviu repercutir por todo o val.  
 A canção troadora em sete notas  
 Terminara afinal.

E a um gesto só do grande Gungu-  
 nhana,

A negra multidão se retirou,  
 A sua grande força fera, insana,  
 Apenas lhe mostrou.

E as mangas se afastavam pela serra,  
 Em gestos descompostos e a dansar,  
 Formavam simulacros de uma guerra,  
 A cantar.

Ferir, ferir,  
 Matar, matar!  
 Sangue de branco  
 Beber, sugar!

Depois lá muito ao longe, muito ao  
 longe

Ainda se ouviam mangas a entoar  
 Sangue de branco  
 Beber..... sugar.

(\*)—Sangue e gordura—Os Vátuas  
 quando queriam fazer «grande feitiço» im-  
 petrando victoria contra os brancos ou ou-  
 tro, espalhavam em holocausto sobre os  
 tumulos dos antepassados do Gungunhana,  
 especialmente de Muzilla e Manicusse, san-  
 gue das suas vítimas sacrificadas sobre os  
 tumulos, e collocavam sobre eles grandes  
 pedaços de carne assada escorrendo gor-  
 dura.

Quem vem além por sobre o mar vo-  
 gando?

O velho Portugal!  
 Quem marcha além as febres arrostan-  
 do?

O velho Portugal.

Que flamula vem lá no ar ondeando?  
 O portuguez pendão,  
 Que musculo nos peitos vem vibrando?  
 O nosso coração.  
 Que troar é aquele na montanha?  
 São balas a cantar,  
 Um himno de victoria, na montanha,  
 Por toda a terra e mar.

Portugal, Portugal, velho guerreiro  
 De teus avós douraste o pergaminho.  
 Mostrando em letras de ouro ao mun-  
 do inteiro,  
 Os nomes de Galhardo e de Mousinho.

Agora é negra a noite, e pelo ar,  
 Em turbilhão miasmas a passar.  
 E pelo chão,  
 O sangue e a podridão.

Negro o ar, negra a noite, negro o pas-  
 to  
 Das hienas, de abutres e chacaes.  
 E' negro pelo chão de sangue o rasto,  
 Negros ais.

Ao feiticeiro vatua mal ferido  
 A rir e a gemer de dor e espanto,  
 Se ouviu, como em soluço compungido,  
 Seu negro canto.

Calou Pandoro,  
 Partiu zagaia  
 E o feiticeiro  
 Calou o Inquaia.

A hiena ri  
 Brame o chacal,  
 Fugiu Pandoro  
 De todo o val.

Branco ferir  
 Branco matar!  
 Hienas meu sangue  
 Vinde sugar.

Terras de Gaza  
 Meu lindo val,  
 Seu dono agora  
 E' Portugal.

O Gungunhana  
 Chora o revez,  
 Venceu feitiço  
 Do portuguez.

Branco ferir,  
 Branco matar!  
 Hienas meu sangue  
 Vinde sugar.

Mas o vento soprando no arvoredo,  
 Se ouviu ao feiticeiro responder,  
 N'um canto harmonioso, um canto lèdo  
 Que pelo mundo além se foi perder.

Portugal, Portugal, velho guerreiro  
 De teus avós douraste o pergaminho  
 Mostrando em letras de ouro ao mun-  
 do inteiro,

A audacia de Mousinho!

Portugal, Portugal, pelo mar fóra,  
 Levas aquele que um heroe venceu.  
 De fero algoz ó Gaza, és livre agora,  
 A lenda Vatua... morreu.

CARLOS ROMA MACHADO.

# DESPORTO

ARTUR  
INEZ

## Nota preambular

A marcha dos campeonatos de foot-ball é tão contingente, oferecendo por vezes surpresas tão notáveis, que às vezes, findos os encontros, encontramos-nos em tais labirintos, em tão complicados meandros que toda a precisão por mais justa e lógica a que se nos ofereça, se quebra e desfaz com a mesma fragilidade do cristal mais fino.

É interessante frisar que actualmente, o campeonato de foot-ball de Lisboa está muito problemático.

O Sporting acaba de perder com o Belenenses por 2-3, quando todo o mundo supunha, e vamos lá com esta razão, que o onze dos leões sairia da peleja victorioso, não diremos já com facilidade, mas, também, sem grande esforço.

Pois perdeu o Sporting. E o 3-2 que no domingo lhe infligiu o simpático club de Belem, vai colocar o velho club do Campo Grande numa situação bem difficil para a sua classificação no Campeonato.

O Sporting terá agora na primeira volta de bater dois adversarios perigosos, o Bemfica e o Vitória, se quizer terminar a primeira volta com 5 pontos. E mesmo assim, tanto o Casa Pia, como o Belenenses alcançarão maior numero de pontos.

Então, para poder aspirar depois na segunda volta ao titulo honroso de campeão, terá de bater sucessivamente todos os adversarios que lhe forem sendo apostos.

Tarefa bastante difficil; não sabemos se o Sporting conseguirá esse desideratum. Tem jogo para isso? Tem, indubitavelmente.

O Sporting é, mesmo com as lutas intestinaes que ultimamente se tem verificado, o grupo de foot-ball de maior e mais segura homogeneidade que possuímos e que com mais probabilidades de exito pode defender contra grupos estrangeiros o titulo de campeão de Portugal, se o vier a alcançar...

Representa isto falta de confiança nos outros grupos? De forma alguma.

Mas a verdade, é que de há uns anos a esta parte, tem sido o club do Campo Grande que mais segurança tem mostrado nos resultados que tem obtido.

Todos os outros clubs tem feito uma contradança de resultados que

nos tem feito duvidar da sua estabilidade.

Um desafio que se desenha importante é o que está marcado para o dia 16 entre o Casa Pia e o Belenenses.

Depois dele realiado, talvez que as nuvens desapareçam e possamos apontar com segurança o vencedor da primeira volta do campeonato.

A. I.

## Foot-ball

Como dizemos na nossa nota preambular, o Belenenses bateu o Sporting por 3-2.

Foi uma victoria merecidissima do grupo de Belem. Trabalhou mais e melhor. O Sporting desfalcado com a falta de João Francisco e Jaime Gonçalves, quasi que não existiu em campo, e «Os Belenenses», jogando também com jogadores de categoria inferior soube impôr-se dignamente e vencer o adversario.

Na segunda divisão o Imperio venceu o Portugal por 2-1, num jogo monotono e por vezes violento.

O Imperio vai á cabeça da segunda divisão.

## Box

Faustino Pereira bateu no domingo o nosso «boxeur» João Mendes, que desistiu ao 5.º «round».

Apontava-se Mendes como um «boxeur de valor».

Albano Campos combateu com um «boxeur» chamado Zamora. Venceu este por desistencia de Albano ao 3.º «round».

## Natação

Fechou a epoca com a realização da Prova Anual da Milha, para a disputa da «Taça Veloso Lima», da organização do Sport Algés e Dafundo. Classificaram-se:

1.º—Vieira Alves, 48.<sup>m</sup> 4.<sup>s</sup> e 4/5, (S. A. D.); 2.º—Bessone Bastos (tambem do S. A. D.); 3.º—Canto Tavares (S. A. D.); 5.º—Carlos Coimbra (C. N. N.)

Como nota interessante temos a derrota do campeão nacional Bessone Bastos, o que de veras nos admirou. No entanto, supomos que Vieira Alves, difficilmente repetirá a proeza.

## Lawn-tennis

O Lawn-Tennis Internacional, está empenhado na fundação da Federação Portuguesa de Lawn-Tennis, tendo enviado nesse sentido uma circular a todos os clubs que praticam tennis.

Já responderam a essa circular os seguintes clubs:

Lawn Tennis Internacional, Club Português de Lawn Tennis (Santa Marta), Club Internacional de Foot-Ball, Sporting Club de Portugal, Sport Lisboa e Bemfica, Carcavelos Club, Sporting Club de Cascais, Tennis Club (Figueira da Foz), Espinho Tennis Club (Espinho), Sport Club Vianense (Viana do Castelo), Luso Tennis Club (Luso), Club Egyptiense (Guarda), Sporting Club Farense (Faro).

Fazemos votos porque a ideia vá por diante.

## Water-polo

O Algés e Dafundo é novamente campeão de Portugal em water polo, pois conseguiu vencer por 6-1 o Club Escola Nautica do Porto.

O delegado da Escola Nautica, sr. João Xavier, mostrou-se apesar da derrota sofrida pelo seu club, satisfeito com os dirigentes da Liga e até com o jogo desenvolvido—excepção feita a Bessone, que foi de facto violento com Brenha, que se viu obrigado a sair de jogo. Mais dois jogadores do Nautica abandonaram o jogo, por indisposição, o que certamente contribuiu para que o Algés vencesse pelo score elevado de 6-1.

Registaram-se algumas scenas desagradaveis entre uma parte do publico, que nada justifica.

E assim terminou a época de natação...

## Revista de Fotografias

‘FOTO-SPORT’

PUBLICA-SE DUAS VEZES POR MEZ

O magazine mais completo

da especialidade

SÉDE PROVISORIA

R. do Gremio-Lucitano, 40, 1.º

LISBOA

Assinaturas para as Africaes

10 numeros

33\$00

Pagamento adeantado

## Armando Cortezão

Armando Cortezão foi um dos nossos mais notáveis atletas.

O seu estilo inconfundível e os seus tempos admiráveis, tornaram-no tão conhecido dos portugueses, que ainda hoje o belo atleta é recordado com verdadeira saudade por todos quantos pela Educação Física se interessam.



Armando Cortezão

Cortezão foi campeão de Portugal dos 200, 400 e 800 metros e ainda hoje é *recordman* dos 400 e 800 metros.

Representou Portugal nos Jogos Olímpicos Internacionais de Stokolmo, tendo a sua passada formidável causado verdadeiro assombro entre os técnicos.

A gravura que hoje publicamos do excelente atleta, que é hoje um colonial conhecido, que se tem sabido impôr, representa-o correndo a final dos 800 metros nos Jogos Olímpicos Nacionais de 1913.

## Resposta a Barradas...

Barradinhas amigo embirrou comigo e ao que parece Rosa Brito também se enofrou por eu ter estranhado que ele tivesse exigido uma bolsa de 25 contos para combater. E vai daí, no «Sport de Lisboa» Barradinhas ferrame uma sarabanda mestra, dizendo,

não contente com a sova, que eu escrevi o «suelto» de má fé.

Tudo menos isso, amigo Barradas. Posso estar em desacordo com o seu modo de ver, mas nunca estou ou escrvo de má fé. Nem o Barradas tem o direito de afirmar isto, nem o Rossa Brito, que eu não tenho o prazer de conhecer pessoalmente, tem igualmente: o direito de se enofrar por tão pouco.

E a prova que não estou de má fé é que ainda lhe hei de prestar justiça quando o vir combater.

E' natural que os seus amigos de agora o não façam porque, já lá diz o nosso Eça, para se criticar é preciso cumprir uma formalidadesinha: — Saber.

A. I.

## Em Benguela

### Um repto levantado

Alberto Lemos levantou o repto lançado pelo «boxeur» Alexandre Cordeiro, dentro da categoria de «levissimos e meios-leves».

O combate já se devia ter efectuado, mas até agora não temos comunicação alguma do resultado.

## «Taça Loanda»

### O Sporting de Loanda alcançou uma vitória por 5-0

Começou a disputar-se a «Taça Loanda», aguardada com verdadeiro entusiasmo pelos desportistas daquela cidade.

O primeiro desafio foi entre o Sporting e a Associação tendo triunfado o Sporting por 5-0 dada a inferioridade do adversario agravada ainda pela saída do guarda redes Morais, que ao tentar defender a 1.ª bola do Sporting ficou fortemente maguado, sendo conduzido imediatamente ao hospital.

O segundo encontro entre o Atletico e o Sport Lisboa e Loanda, teve como resultado um empate.

Ainda houve um prolongamento de 70 minutos mas o resultado não se modificou.

## Em Calangute

### Festas do 7.º aniversario do Club Desportivo Indo-Português

Realisaram-se os festejos deste Club comemorando o 3.º aniversario da sua fundação.

Assistiu o Governador Geral, acompanhado do seu ajudante de campo, Sr. A. Moreira.

A' porta do edificio foi recebido pela Direcção do Club e varios socios. Logo que o sr. Dr. Moreira da Fonseca entrou na sala a orquestra que tinha sido organizada para esta festa, executou o Hino Nacional, tocando depois varias composições durante a visita de S. Ex.ª.

O sr. Governador Geral acompanhado do Presidente da Direcção do Club, sr. João L. Cesario de Nazaré e do Vogal da Comissão organizadora, sr. Antonio G. Fernandes Freitas examinou com atenção os objectos que estavam expostos numa «vitrine» na sala principal do Instituto e eram as medalhas de ouro e prata que no dia seguinte seriam oferecidas aos vencedores das diversas provas de corridas.

O jogo das 2.ªs categorias entre o Indo-Português e o Desportivo terminou pela vitória do Indo-Português por 6-0, tendo o pontapé de saída sido dado por *made-moiselle* A. de Sousa.

Nas corridas de 100 metros foram classificados os seguintes srs: 1.º Jorge Belo, 2.º Casimiro de Souza e 3.º Aitor Vieira. Na de 200 metros: 1.º Casimiro de Souza, 2.º João Belem Rodrigues e 3.º Salvador Cardiga e na de 400 metros: 1.º João Belem Rodrigues, 2.º Teofilo Lopes Fernandes e 3.º Tomaz Matos.

Por fim realizou-se o desafio de football de 1.ªs categorias que tambem decorreu muito animado.

## Numeros especiais

A «Gazeta das Colonias» tenciona editar, em cada ano, um numero especial dedicado a cada uma das nossas Provincias Ultramarinas.

Esses numeros destinam-se, sobretudo, a fazer um cuidado registo de todo o progresso das nossas Colonias, pondo ao mesmo tempo em destaque, os factores do seu desenvolvimento comercial, industrial, agricola, etc. e as suas necessidades mais instantes.

Os numeros especiais, que serão largamente ilustrados, deverão constituir um valioso meio de propaganda do nosso esforço de colonização.

Para eles espera a «Gazeta das Colonias», toda a colaboração dos nossos coloniais, no sentido de tornar tão proveitoso quanto possível o esforço que dispenderá com a sua iniciativa.

PROCURAM REPRESENTANTES

— PARA A VENDA DE —

PERFUMARIAS, PASSAMARIAS E ARTIGOS DE PAPELARIA

Cruz Machado & Castanheira, Limitada

RUA GOMES FREIRE, 87-1.º—LISBOA

# NOTÍCIAS E COMENTÁRIOS

## General Tamagnini d'Abreu

Faleceu o ilustre General Comandante do Corpo Expedicionario Português nas Flandres.

As suas brilhantes qualidades militares largamente evidenciadas na preparação e no comando do C. E. P. impuzeram-no á estima daqueles que sob as suas ordens serviram, á admiração de todo o Exército e á gratidão do Paiz.

Ao ilustre militar vai a Nação prestar a ultima homenagem, a derradeira prova de reconhecimento pelo muito que fez em favor do nome de Portugal. A essa merecida homenagem, se associa com sincera devoção a «Gazeta das Colonias», que á ilustre familia enlutada e em especial aos seus dedicados amigos srs. Artur Tamagnini e João Tamagnini, manifesta o seu sincero pesar.

## Major Alvaro Teles de Azevedo

Apoz uma grave enfermidade que ha já meses o tinha atacado, faleceu no sabado passado este ilustre oficial a quem estava confiado o comando do 1.º Grupo de Metralhadoras.

O major Teles de Azevedo, que tinha uma larga folha de serviços que o impunham á consideração dos seus camaradas, fez parte da expedição ao Sul de Angola comandando uma bateria que teve uma acção brilhante em toda a campanha e nomeadamente no combate da Mongua.

Pelas suas qualidades militares e de caracter e pela afabilidade do seu trato, o malogrado official tinha a estima de todos os seus camaradas, claramente evidenciada na imponente manifestação que foi o seu funeral.

A «Gazeta das Colonias» sente profundamente a morte do major Teles de Azevedo, em quem contava um amigo.

## Novo Governo

Demitiu-se o ministerio da presidencia do sr. Rodrigues Gaspar e succedeu-lhe outro da presidencia do sr. dr. José Domingues dos Santos.

No novo Governo está a pasta das Colonias entregue ao sr. Carlos de Vasconcelos, que no Parlamento tem representado Cabo Verde.

No discurso da posse o novo Ministro referiu-se mais especialmente aos problemas de S. Tomé e de Ca-

bo Verde, que procurará resolver, e á crise de Angola, para cuja solução prometeu todo o apoio ao Alto Comissario.

Com os seus respeitosos cumprimentos ao novo Ministro, faz a «Gazeta das Colonias» sinceros votos pela proficuidade da obra que Sua Ex.<sup>a</sup> se propõe rialisar.

## Capitão Cunha Leal

Regressou de Angola o ilustre parlamentar e nosso muito presado colaborador, sr. Cunha Leal, que durante a sua permanencia naquela colonia, bem como no Funchal e em S. Tomé, foi alvo das mais evidentes provas de estima pessoal e de reconhecimento do seu grande valor. Da situação de Angola, que estudou detida e escrupulosamente, tenciona o sr. Cunha Leal dar conhecimento ao Paiz, analisando-a largamente no Parlamento; á «Gazeta» destina o S. Ex.<sup>a</sup> muitos dos detalhes do estudo que fez, os quais, estamos certos, virão a ser objecto de grande interesse por parte de todos os nossos leitores.

Agradecendo desde já a prova de estima com que nos distingue, apresentamos a S. Ex.<sup>a</sup> os nossos cumprimentos.

## Mousinho de Albuquerque

Vai ser erigido em Lourenço Marques um monumento a Mousinho de Albuquerque.

E' uma divida de gratidão que se paga e é um acto de boa politica nacional que se leva a efeito.

A par da estatua de Antonio Enes, sente-se a falta da de Mousinho, o grande Português que á consolidação da nossa soberania deu todo o esforço da sua indómita bravura e do seu inexcedível patriotismo.

A população da colonia propondo-se custear por subscrição pública a construção do monumento deu uma eloquente prova do seu civismo, nobremente secundado pelo Parlamento, que acaba de autorisar o Governo a ceder o bronze e a mandar proceder á fundição da estatua.

## Imprensa Colonial

O nosso colega «Diario de Noticias», iniciou a publicação quinzenal de uma página dedicada ás colonias.

Registamos com sincero prazer a nova iniciativa do nosso presado co-

lega, pois ela nos vem demonstrar que os assuntos coloniais vão merecendo aquela atenção que nós entendemos lhe devia ser prestada, quando através de todas as dificuldades e com grandes sacrificios, resolvemos editar a «Gazeta».

Foi escolhido para dirigir a nova secção o distinto Engenheiro-Agronomo, e estudioso colonialista, Sr. Armando Cortezão, a quem como Agente Geral das Colónias cabe igualmente a direcção do Boletim Oficial recentemente criado.

Ao Sr. Armando Cortezão, com cuja amizade a «Gazeta» muito se honra, endereçamos os nossos cumprimentos pela justa manifestação de apreço que recebeu e agradecemos as amáveis referencias que nos fês; ao nosso colega «Diario de Noticias», mais uma vez afirmamos a nossa solidariedade e leal camaradagem, felicitando-nos por ver que, com os largos recursos que possui, se dispõe a secundar o esforço dos que á propaganda das nossas colonias se dedicaram.

## INDIA

### Louvor merecido

Por portaria do Governo Geral da India, publicada em 22 de Outubro foi louvado o técnico agricola da direcção dos Serviços Agricolas, Florestais e Pecuários, o sr. dr. Pedro Correio Afonso, pela forma inteligente por que se desempenhou da missão de estudar a orientação a dar á cultura, comercio e industria do côco e seus productos.

O brilhante relatorio do ilustre técnico, a que já tivemos ensejo de fazer referencia, é na realidade uma valiosa base para uma mais eficaz exploração do coqueiro, que constitue uma das maiores fontes de riqueza da India.


**SANTOS, OLIVEIRA & C.**  
 Comerciantes e Agricultores  
 Comissões e Consignações  
**LOANDA E MALANGE**

# COTAÇÕES

## TITULOS

TITULOS	Em 1 de Nov. de 1924			Em 22 de Nov. de 1924			TITULOS	Em 1 de Nov. de 1924			Em 22 de Nov. de 1924		
	OFERTAS			OFERTAS				OFERTAS			OFERTAS		
	Efectuado	Dinheiro	papel	Efectuado	Dinheiro	papel		Efectuado	Dinheiro	papel	Efectuado	Dinheiro	papel
<b>Div. interna fundada</b>													
As. tit. 20:000\$00	—	—	—	—	—	—		—	—	—	—	—	—
As. tit. 1.000\$00	32,80	—	33,	32,60	—	—		—	—	—	—	—	—
As. tit. 500\$00	30,70	—	—	31,	30,	—		—	—	—	—	—	—
As. tit. 100\$00	30,	30,	—	31,	30,	—		—	—	—	—	—	—
Coupon tit. 1.000\$00	31,80	—	31,70	—	—	—		—	—	—	—	—	—
Coupon tit. 500\$00	—	29,	—	—	30,	—		—	—	—	—	—	—
Coupon tit. 100\$00	—	29,	—	—	30,	—		—	—	—	—	—	—
Emp 3 0/0 1905	—	—	9\$50	—	—	9\$30		—	—	—	—	—	—
Emp 4 0/0 1888	15,00	15\$00	15\$50	—	15\$50	—		—	—	—	—	—	—
Emp 4 0/0 1890 c.	—	29\$00	—	—	29\$00	—		—	—	—	—	—	—
Emp 4 1/2 1888-89 as	—	32\$00	34\$00	—	29\$00	—		—	—	—	—	—	—
Emp 4 1/2 1888-89 c.	—	33\$00	—	—	34\$00	—		—	—	—	—	—	—
Emp 4 1/2 1912 ouro.	—	550\$00	575\$00	570\$00	570\$00	575\$00		—	—	—	—	—	—
Emp 5 0/0 1909 c.	—	38\$00	—	—	38\$00	39\$00		—	—	—	—	—	—
Emp 5 0/0 1917 c.	—	39\$00	40\$00	—	39\$50	—		—	—	—	—	—	—
Emp 6 1/2 1923 ouro.	434\$00	—	—	428\$00	427\$00	427\$00		—	—	—	—	—	—
Externas 1ª serie	445\$00	444\$00	—	427\$00	429\$00	434\$00		—	—	—	—	—	—
Externas 3ª serie	—	480\$00	—	—	485\$00	—		—	—	—	—	—	—
Cautelas da 3ª serie	—	—	—	—	—	—		—	—	—	—	—	—
Obj Div Prov de Angola 3 0/0	—	—	70\$00	—	—	70\$00		—	—	—	—	—	—
<b>Ações</b>													
<b>BANCOS:</b>													
Alentejo	—	80\$00	—	—	83\$00	83\$00		—	—	—	—	—	—
Aliança	—	580\$00	—	—	610\$00	—		—	—	—	—	—	—
Colonial Português, p.	64\$00	—	—	62\$00	62\$00	—		—	—	—	—	—	—
Colonial Português, a.	—	2\$0	—	—	—	—		—	—	—	—	—	—
Colonial Português c.	69\$00	—	—	68\$50	68\$00	68\$50		—	—	—	—	—	—
Comercial de Lisboa	300\$00	302\$00	310\$00	—	295\$00	300\$00		—	—	—	—	—	—
Credito Nacional	—	88\$80	—	—	—	—		—	—	—	—	—	—
Industrial Português c.	—	5 \$00	—	—	—	51\$00		—	—	—	—	—	—
Industrial Português a.	—	—	50\$00	—	—	50\$00		—	—	—	—	—	—
Lisboa & Açores	450\$00	—	455\$00	480\$00	475\$00	480\$00		—	—	—	—	—	—
Nacional Agricola c.	69\$00	—	—	68\$50	68\$00	68\$50		—	—	—	—	—	—
Nacional Agricola p	—	60\$00	70\$00	—	62\$00	—		—	—	—	—	—	—
Nacional Agricola a.	—	52\$00	—	—	—	—		—	—	—	—	—	—
Minho	—	—	270\$00	—	320\$00	330\$00		—	—	—	—	—	—
Nac. Ultramarino, a.	—	—	—	222\$00	212\$00	223\$00		—	—	—	—	—	—
Nac. Ultramarino, c.	236\$00	—	—	254\$50	253\$00	255\$00		—	—	—	—	—	—
Popular Português	—	—	23\$00	—	—	23\$00		—	—	—	—	—	—
Portugal	843\$00	—	—	819\$00	—	—		—	—	—	—	—	—
Português e Brasileiro	—	—	—	108\$50	108\$50	109\$50		—	—	—	—	—	—
<b>Companhias</b>													
<b>Diversas:</b>													
Nacional de Navegação	275\$00	—	257\$00	—	—	—		—	—	—	—	—	—
Pesca e Transportes	84\$00	82\$00	—	89\$00	89\$00	90\$00		—	—	—	—	—	—
Cimentos de Leiria	—	—	—	—	55\$00	65\$00		—	—	—	—	—	—
Credito Predial	—	—	—	—	31\$50	33\$00		—	—	—	—	—	—
<b>Companhias</b>													
<b>Caminhos de ferro:</b>													
Nacional	—	—	17\$00	—	—	—		—	—	—	—	—	—
Beira Alta	—	40\$00	—	—	—	40\$00		—	—	—	—	—	—
<b>Colonias:</b>													
Agucar de Angola	154\$00	154\$00	155\$00	151\$00	150\$50	153\$00		—	—	—	—	—	—
Agric. Bela Vista	74\$00	72\$00	—	80\$00	—	83\$00		—	—	—	—	—	—
Cazengo	—	420\$00	—	515\$00	—	—		—	—	—	—	—	—
Agric. Ganda, Soc	—	163\$00	167\$00	172\$50	170\$00	175\$00		—	—	—	—	—	—
Agric. Principe, E.	10\$80	10\$80	—	—	—	10\$50		—	—	—	—	—	—
Agric. Ultramarina	—	—	—	150\$00	149\$00	152\$00		—	—	—	—	—	—
Agric. Colonial Soc.	—	—	—	—	—	—		—	—	—	—	—	—
Amboim	79\$50	—	80\$00	89\$00	88\$00	89\$50		—	—	—	—	—	—
Boror	—	—	—	178\$00	176\$00	180\$00		—	—	—	—	—	—
Cabinda	5\$00	5\$00	—	5\$35	5\$30	5\$40		—	—	—	—	—	—
Colonial Buzi	—	—	—	—	—	—		—	—	—	—	—	—
Congo Português	—	15\$00	20\$00	—	—	—		—	—	—	—	—	—
Illa do Principe	—	370\$00	375\$00	400\$00	399\$00	402\$00		—	—	—	—	—	—
Luabo	—	—	—	—	—	—		—	—	—	—	—	—
Moçambique até ao n.º 1 222.221, inc.	—	—	—	—	42\$00	50\$00		—	—	—	—	—	—
Nyassa	—	—	10\$00	—	—	—		—	—	—	—	—	—
Sui de Angola	—	65\$00	—	—	—	—		—	—	—	—	—	—
Zambesia do n.º 500.001 a 600.000	17\$00	17\$00	17\$10	—	17\$50	18\$00		—	—	—	—	—	—
<b>Obrigações</b>													
<b>Caminhos de ferro:</b>													
Através Africa 5 0/0	190\$00	—	—	216\$00	216\$00	—		—	—	—	—	—	—
Beira Alta 3 0/0 2.º grau	—	—	—	—	—	55\$00		—	—	—	—	—	—
Benguela, 5 0/0	—	—	—	—	—	970\$00		—	—	—	—	—	—
Norte e Leste 3 0/0 1.º gr.	—	143\$00	—	—	—	—		—	—	—	—	—	—
Norte e Leste 3 0/0 2.º gr.	—	42\$00	—	51\$00	53\$00	54\$00		—	—	—	—	—	—
<b>Diversas:</b>													
Agua 4 1/2 0/0 c.	—	—	44\$00	—	46\$50	48\$00		—	—	—	—	—	—
Banco Nacional Ultramarino 4 1/2 a.	—	—	—	—	—	—		—	—	—	—	—	—
Banco Nac. Ultramarino 4 1/2 0/0 c. (ouro)	—	—	—	—	—	—		—	—	—	—	—	—
Banco Nac. Ultramarino 6 0/0 h.	—	—	—	—	—	—		—	—	—	—	—	—

## Produtos coloniais

## Cambios

PRODUCTOS	Quant.	Em 1		PRODUCTOS	Quant.	Em 1		Cotação oficial	Em 11-1924		Em 21-11-1924	
		Nv. 1924	Nv. 1923			Nv. 1924	Nv. 1923		Compra	Venda	Compra	Venda
Algodão	1 k.	11\$00	14\$00	Cocono e de Loanda	15 k.	33\$00	—	Londres	108\$50	108\$50	102\$50	102\$00
Amido de mandioca	»	—	—	Couros limpos	»	8\$00	6\$50	Fin de Julho	—	—	—	—
Borracha de Ambiz 1.ª	»	—	—	Farinha de mandioca	»	—	—	Paris	—	1.20	—	1.17
» » 2.ª	»	—	—	Fibra de agave	»	—	—	Alemanha	—	—	—	—
» Loanda e Beng. 1.ª	»	6\$00	—	Gergelim	»	—	36\$00	Praga	—	—	—	—
» » 2.ª	»	—	—	Goma capolo	»	—	—	Holanda	—	9.40	—	8.90
Cacau fino	15 k.	75\$00	73\$00	» branca 1.ª	»	—	5\$00	Madrid	—	3.23	—	3.02
» paiol	»	60\$00	63\$00	» miyta	»	—	3\$00	Belgica	—	1.16	—	1.08
» escolha	»	38\$00	36\$50	» preta	»	—	2\$00	Italia	—	1.05	—	.97
Café Ambriz	»	145\$00	—	Marfim de lei	»	—	—	Suica	—	4.89	—	4.29
» Cazengo	»	140\$00	—	» meão	»	—	—	Suecia	—	3.56	—	3.28
» Encoge	»	142\$00	137\$00	» escaravelho	»	—	—	Nova-York	—	25.50	—	24.20
» Novo Redondo	»	150\$00	—	Milho	»	16\$50	—	Brasil	—	2.89	—	2.60
» S. Tomé	»	—	135\$00	Oleo de palma do Congo	»	58\$00	—	Rio de Lisboa	—	—	—	—
Cera	1 k.	13\$50	14\$00	» » de Loanda	»	58\$00	48\$00	Rio	—	—	—	—
Coconote do Zaire	15 k.	33\$00	30\$00	Ricino	»	—	38\$00	Libras ouro	—	—	—	—
» da Guiné	»	33\$00	30\$00	Tapioca	»	—	—	Agio do ouro	—	—	—	—

# MOVIMENTO MARITIMO

## IDA

### CHEGADA A

Companhias	VAPORES	SAÍDAS DE	CHEGADA A																							
			Funchal	S. Vicente	S. Tiago	Principe	S. Tomé	Cabinda	Santo Antonio	Ambriz	Loanda	Novo Redondo	Lobito	Benguela	Mossamedes	Bahia dos Tigres	Porto Alexandre	Lourenço Marques	Beira	Mocambique	Porto Amélia	Ibo	India	Stigapura	Macan	Timor
Companhia Nacional de Navegação	Moçambique																									
	Beira																									
	Africa																									
	Portugal																									
	Angola																									
Pedro Gomes	Lisboa	1 de Dezembro	3 Dez.																							
	Lisboa	15 de Dezembro	17 Dez.	21 Dez.	22 Dez.	30 Dez.	1 Jan.	5 Jan.	6 Jan.	7 Jan.	7 Jan.	12 Jan.	13 Jan.	15 Jan.	17 Jan.	19 Jan.	20 Jan.									
Deutscher Afrika Dienst	Nyassa																									
	Wangoni																									
	Ussukuma																									
	Sutan																									
	Tanganjika																									
	Usaramo																									

## REGRESSO

### CHEGADA A

Companhias	VAPORES	SAÍDAS DE	CHEGADA A																							
			Mocambique	Beira	Lourenço Marques	Porto Alexandre	Bahia dos Tigres	Mossamedes	Benguela	Lobito	Novo Redondo	Loanda	Ambriz	Santo Antonio	Cabinda	S. Tomé	Principe	S. Tiago	S. Vicente	Funchal	Porto Amélia	Ibo	Macan	Timor	Lisboa	Amsterdam
Companhia Nacional de Navegação	Angola																									
	P. Gomes																									
	Moçambique																									
	Beira																									
Africa	Moçambique	9 de Dezembro																								
Deutscher Afrika Dienst	Usaramo																									
	Adolph Woerm.																									
	Usambara																									
	Nyassa																									
	Wangoni																									
	Ussukuma																									
Stoomvaart Maatschappij Nederland	Sutan																									
	Tanganjika																									
	Kon. der Nederl																									
	Jan Pzn. Coen																									

# Banco Nacional Ultramarino

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

**Séde — LISBOA — Rua do Comercio**  
**Agencia — LISBOA — Cais do Sodré**

Capital social: Esc. 48.000:00\$000

Capital realizado: Esc. 24.000:000\$00

Reservas: Esc. 34.000:000\$00

FILIAIS NO CONTINENTE — Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Evora, Extremoz, Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Regua, Santarem, Setubal, Silves, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real de Traz-os-Montes, Vizeu

FILIAIS NAS ILHAS — Funchal (Madeira), Angra do Heroismo e Ponta Delgada (Açores)

FILIAIS NAS COLONIAS — AFRICA OCIDENTAL — S. Vicente de Cabo Verde, S. Tiago de Cabo Verde, Bissau, Bolama, Kinshass (Congo Belga), S. Tomé, Príncipe, Cabinda, Loanda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Vila Silva Porto, Mossamedes, Lubango

AFRICA ORIENTAL — Beira, L. Marques, Inhambane, Chinde, Tete, Quelimane, Moçambique e Ibo

INDIA — Nova Gôa, Mormugão e Bombaim (India inglesa) CHINA — Macau TIMOR — Dilly

FILIAIS NO BRASIL — Rio de Janeiro, S. Paulo, Pernambuco, Pará e Manáus

FILIAIS NA EUROPA — Londres, 9 Bishopsgate E. — Paris, 8, rue du Helder

AGENCIA NOS ESTADOS UNIDOS — New-Yerk, 93, Liberty Street

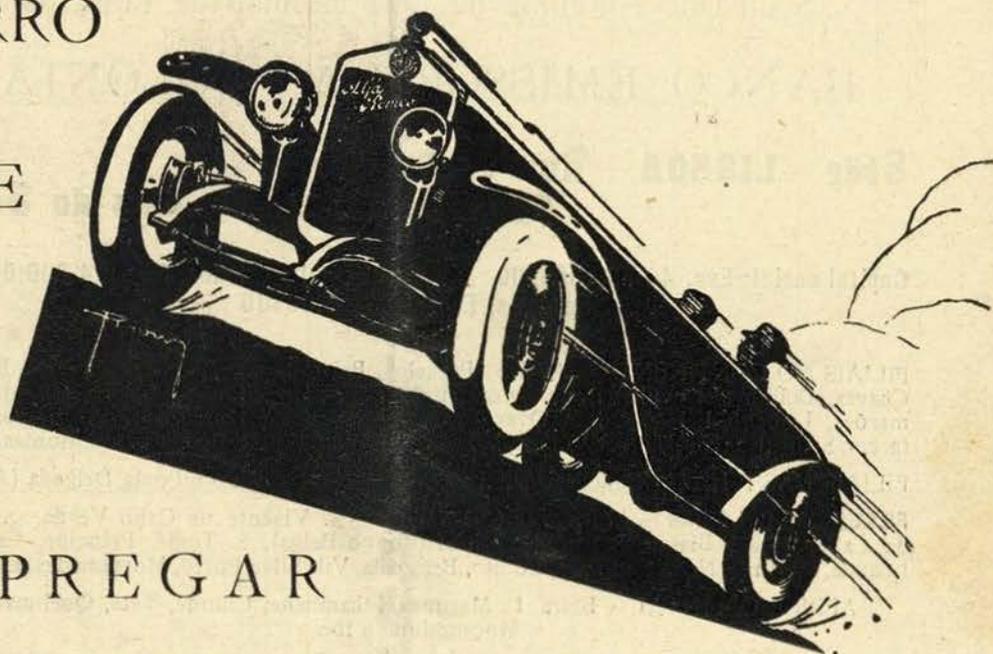
Operações bancarias de toda a especie no continente, ilhas adjacentes, Colónias, Brasil e restantes países estrangeiros

A VELOCIDADE

NUNCA FALTARA' AO

CARRO

QUE



EMPREGAR

**Auto-Gazo**

A MELHOR

GAZOLINA

**VACUUM OIL COMPANY**